

ANTOLOGIA POÉTICA

BRASIL/PORTUGAL:
Antologia de um diálogo
entre poetas
no século XX.

Aluno : Laércio Sanchez Bandeira
Orientadora: Profª Drª Elza Miné da Rocha e Silva

A presente antologia se constitui no Volume 2 da dissertação com o mesmo título, apresentada junto à Área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da FFLCH da USP com objetivo de obtenção do título de mestre.

SUMÁRIO

Apresentação.....	v
POETAS E POEMAS BRASILEIROS.....	1
ADÉLIA PRADO	
Reza para as quatro almas de Fernando Pessoa.....	58
AFFONSO ÁVILA	
rua antero de quental.....	71
AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT	
Soneto a Camões.....	17
CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE	
Sonetinho do falso Fernando Pessoa, 29; Homenagem, 57; Adeus, camisa de Xanto, 72.	
CASSIANO RICARDO	
ETC, 21/22; Meu pai foi rei, 31/32/33.	
CECÍLIA MEIRELES	
Confissão, 18; Memória, 19/20; A Vitorino Nemésio, 30.	
DANTE MILANO	
Homenagem a Camões.....	28
GILBERTO MENDONÇA TELES	
Absurdo, 59; Ser tão Camões, 62/63/64.	
GUILHERMINO CÉSAR	
Das alternativas, sem floreio, na intenção de Fernando Pessoa, 51; Camoniana,2,...	60
HAROLDO DE CAMPOS	
o poeta é um fin.....	55
HILDA HILST	
Seria menos eu.....	53
HORÁCIO COSTA	
Estou farto de humanismo, viva agora o Pan-Coisismo.....	65/66
JOÃO CABRAL DE MELO NETO	
<i>Cesário Verde</i> usava a tinta, 38; Elogio da usina e de Sofia de Melo Breiner Andresem, 45; Catar feijão, 46.	

JORGE DE LIMA

Os treze dias a caminho do deserto, 6/7/8; Recebe as dádivas dos filhos pródigos, 9; Estrangeiro, estrangeiro, 10/11 ; A cura do homem possesso , 12/13 ; Poema às ingênuas meninas, 14.

JOSE PAULO PAES

Falso diálogo entre Pessoa e Caieiro, 56; Mosteiro dos Jerônimos, 70.

LUPE COTRIM

Soneto.....69

MANUEL BANDEIRA

A Antônio Nobre, 2; A Camões, 3; Cantar de amor, 15; Jaime Cortesão, 24; Resposta a Alberto de Serpa, 25; Portugal, meu avozinho, 26; Improviso, 27; Elegia de Londres, 34.

MÁRIO QUINTANA

Contigo fiz, ainda em menino,.....16

MURILO MENDES

A jaula verde, 23; Jaime Cortesão, 37; Murilograma a Antero de Quental, 39; Murilograma à filha de Miguel Torga, 40/41; Murilograma a Cesário Verde, 42; Murilograma a Fernando Pessoa, 43/44; Murilograma a Camões, 47/48; Murilograma a Antônio Nobre, 49/50.

NELSON ASCHER

pessoa resumido, 67; mário de sá carneiro, 68.

ODYLO COSTA FILHO

Declaração de amor à cidade de Lisboa, 52; Soneto do coração destruído, 54.

RÊNATA PALLOTTINI

Chove sobre um livro de F. Pessoa, 35/36; Poema do falso Mário de Sá Carneiro,..... 61

RUI RIBEIRO COUTO

Correspondência de Família.....4/5

POETAS E POEMAS PORTUGUESES.....73

ADOLFO CASAIS MONTEIRO

Flor impossível da noite, 84/85; Amarga Taça, 86.

AFONSO DUARTE

Estepa.....75

ALEXANDRE O'NEILL

Saudação a João Cabral de Melo Neto, 87/88/89; Alô, vovô!, 96/97; "Flor em livro

dormida”, 109.

ANTÓNIO RAMOS ROSA	
O olhar de Murilo Mendes.....	110
ARMANDO DA SILVA CARVALHO	
João Cabral.....	98/99/100
CARLOS DE OLIVEIRA	
Carlos Drummond de Andrade.....	94
DAVID MOURÃO-FERREIRA	
Canção, de madrugada.....	76/77
E. M. DE MELO E CASTRO	
Castrograma para Murilo Mendes, 108; (Fragmento) duma carta ficta (sôbolos abismos sublinguais), 111/112.	
JORGE DE SENA	
“Drummond fazendeiro”..., 79; Nos Setenta anos do poeta Manuel Bandeira, 80; Meditação em King’s Road, 81; “Eleonora Di Toledo, Granduchessa Di Toscana”, 82/83; Nos setenta e cinco anos do poeta, 90; Morte de Manuel Bandeira, 95; Poema sobre o começo do poema de J. C. de Melo Neto chamado poema, 101; Glosa de dois versos de C. D. de Andrade, e mais um, 102; Poema desentranhado de um poema de Manuel Bandeira, 103; Homenagem ao poeta Mário Faustino, 104; A Drummond quando fizer setenta anos, 105.	
JOSÉ GOMES FERREIRA	
Agora, apodrecer.	74
LUÍS AMARO	
A Augusto Frederico Schmidt.....	107
MANUEL ALEGRE	
Tempo de não tempo de sim.....	93
MIGUEL TORGA	
Contemplação.....	78
SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN	
Na morte de Cecília Meireles,91; Manuel Bandeira,92; Carta de natal a Murilo Mendes, 106; Dedicatória da terceira edição do Cristo cigano a João Cabral de Melo Neto, 113.	
BIBLIOGRAFIA.....	114

- No presente sumário, os casos de poemas sem título receberam o primeiro verso.

APRESENTAÇÃO

“A minha época é a da Antologia. (...) A antologia que é a obra dum autor, é uma espécie de vasta colagem mental, (...) As nossas colagens mentais têm milhares de anos de camadas e o que apercebemos agora é o resultado duma clivagem crítica e histórica.”

Ana Hatherly¹

A presente antologia não é obra composta por recortes mentais de um único autor, mas por recortes mentais plasmados em obras poéticas de autores brasileiros e portugueses. Em suma, por poemas escritos em língua portuguesa que, ao evocarem o nome de um outro poeta de nacionalidade diversa (brasileira/portuguesa) a de seu autor, revelam um diálogo poético e cultural entre seu autor e a obra ou poeta por ele evocado.

É notório, nos dias de hoje, permeados por discursos de globalização, o avanço dos estudos de natureza comparatista. Pois é justamente nessa esfera do conhecimento que se inscreve a presente antologia que é produto e objeto da dissertação de mestrado Brasil/Portugal: Antologia de um diálogo entre poetas no século XX.

Grande parte dos poetas e mesmo de alguns poemas selecionados para comporem esta antologia foi feita durante o curso: Um século de poesia portuguesa e suas relações com a poesia brasileira (1870-1980), ministrado, no segundo semestre de 1996, pelo eminente poeta, crítico e professor E. M. de Melo e Castro. Durante o curso do professor Melo e Castro, nós, alunos, tivemos uma rara oportunidade de estreitar nossa convivência com as relações literárias entre Brasil e Portugal. Rara, pois essa convivência foi promovida por alguém que as conhece por dentro, como poeta, e por

¹ Hatherly, 1979, p. 9

fora, como crítico e analista. Foi dessa convivência que nasceu a presente dissertação e conseqüentemente esta antologia.

Os critérios que nortearam a seleção dos poemas, que se constituem mais propriamente em princípios, foram basicamente os seguintes:

- Poemas produzidos entre os anos de 1915 e 1992, por poetas brasileiros e portugueses.
- Poemas já editados em livro.
- Poemas que façam menção ao nome de poeta que se inscreva na “Literatura Nacional” (brasileira ou portuguesa) diversa à de seu autor, seja:
 - no título,
 - na dedicatória,
 - no corpo do poema
 - ou em uso de epígrafe acompanhada do nome do poeta a que ela pertença.

Pretende ser esta antologia, um mapeamento demonstrativo das relações literárias mantidas entre poetas das duas nações que produziram suas obras neste século (1915-1992) e que façam referências explícitas a nomes de poetas ou ao emprego de trechos de poesias à guisa de epígrafe, desde que cite o autor, podendo ser, os citados, contemporâneos ou anteriores ao período antologizado.

Foram excluídos desta antologia poemas com menções a nomes de prosadores, pois estes implicam uma análise intersemiótica. Daí, por exemplo, a não inclusão de poemas portugueses com menções a nomes de prosadores do regionalismo brasileiro.

A presente antologia elenca poemas com citações feitas por poetas que produziram obras entre 1915/1992, mas não prescreve que o poeta citado seja contemporâneo ao período de produção do referido poema; assim, não mutilamos a descrição sincrônica que ela aspira a ser, pois toda descrição sincrônica “considera não

apenas a produção de um período dado, mas também aquela parte da tradição literária que, para o período em questão, permaneceu viva ou foi revivida”.²

Através dos 85 poemas que a compõem (54 brasileiros e 31 portugueses) cremos poder o leitor empreender uma viagem literária panorâmica não só pela produção poética realizada nos dois países, mas também pelas estreitas relações literárias travadas entre seus poetas. Essa desproporção numérica entre os poemas nada tem a ver com privilégio ou uma possível preferência dada pelos organizadores aos poemas brasileiros, pois estes, ao revelarem uma natureza dialógica de forma explícita com outro poeta, é que se inscreveram nesta antologia. Não se trata, portanto, de uma antologia cuja seleção tenha sido pautada por critérios do tipo “gosto/sensibilidade” dos organizadores.

Tal desproporção certamente vincula-se à idade das duas literaturas; basta atentarmos para o número de poemas brasileiros (vinte) que fazem menção a poetas vividos fora do período abarcado por esta dissertação e subtraí-los do total ($54-20=34$) e o equilíbrio estatístico e dialógico se estabelecerá, (34 poemas brasileiros e 31 portugueses).

Trata-se, portanto, de uma antologia de natureza dialógica, pois todos os poemas nela elencados nos remetem a nomes de outros poetas e nos revelam o produto poético de um poeta-leitor ativo. Pode-se mesmo dizer que o leitor empreenderá uma viagem dialógica com outros diálogos. Diálogos nos quais poderá vislumbrar:

- a tétrica e revoltosa seqüência-resposta empreendida por José Gomes Ferreira em “Agora apodrecer” ao famoso poema-indagação “José” de Carlos Drummond de Andrade;
- a existência de dois poetas ainda pouco conhecidos do público leitor, Horácio Costa e Armando da Silva Carvalho, que dialogam com a obra de

² Jakobson, s/ano, p. 121

dois outros já consagrados poetas, Jorge de Sena e João Cabral de Melo Neto;

- o quão vasta é a contribuição dos poetas brasileiros à fortuna das obras de Luís Vaz de Camões e Fernando Pessoa;
- o intenso e cordial diálogo que Manuel Bandeira entabula com toda a tradição poética portuguesa, desde a construção de uma cantiga de amigo, passando por um panegírico a Camões, até os curtos poemas, que revelam diálogos circunstanciais, contidos no livro Mafuá do Malungo de 1948;
- a relação filial estabelecida entre Sophia de M. B. Andresen e Cecília Meireles;
- a releitura que os poetas experimentais Haroldo de Campos e E.M. de Melo e Castro operam em obras de Fernando Pessoa e Jorge de Lima, expondo uma faceta crítica e lúdica própria da poesia experimental;
- a existência de um grande número de poemas nos quais o tom emotivo se amplia em descritivismo e discursivismo sacrificando uma possível dimensão poética, mas revelando-se profícuo para o enriquecimento das relações culturais entre Brasil e Portugal.

Creemos com isso, dar uma relativa contribuição ao panorama dos estudos comparados de literaturas em língua portuguesa; contribuição que pelo seu caráter documental e panorâmico pode enriquecer a visão do leitor acerca das poesias contemporâneas em língua portuguesa e servir de referência a outros estudos comparatistas que abordem obras ou autores específicos de forma profunda e que acaso figurem nesta antologia de forma tangencial.

Nela poderá o leitor perceber vários aspectos nas relações literárias entre poetas dos dois países dentre os quais vale ressaltar:

- A releitura e o resgate de poetas portugueses, anteriores ao período antologizado, operados por poetas brasileiros desse século, dentre eles: Luís de Camões, Bernardim Ribeiro, D. Dinis, António Nobre, Antero de Quental e Cesário Verde.
- A grande acolhida que os modernistas portugueses, Mário de Sá-Carneiro, Fernando Pessoa e seus heterônimos, encontraram nos poetas contemporâneos brasileiros e as apropriações operadas por estes das obras daqueles.
- O intenso diálogo que os poetas neo-realistas portugueses mantiveram com as obras de Carlos Drummond de Andrade, principalmente a de sua fase de maior engajamento político (Rosa do Povo), fase que coincidia com os designios anti-salazaristas daquela escola literária.
- A assimilação da tradição poética portuguesa operada por Manuel Bandeira e Murilo Mendes em suas obras.
- O hiato existente no diálogo entre poetas das duas nações no início dos modernismos, o português (1915) e o brasileiro (1922). O primeiro por encontrar-se voltado para produções realizadas em outros países e o segundo por razões nacionalistas, rechaçar o diálogo com a poesia portuguesa.
- O resultado equilibrado obtido em uma pesquisa por amostragem que revela relações dialógicas recíprocas entre poetas brasileiros e portugueses.

Em seu ensaio *Necessidade e Solidariedade nos Estudos de Literatura Comparada*, publicado na *Revista Brasileira de Estudos Comparados* nº 3, o professor Benjamin Abdala Jr. nos revela um “comparatismo da solidariedade”³ que permeia os

³ Abdala Jr., p. 94, 1996

repertórios culturais de sociedades crioulas e que surge em oposição ao comparatismo histórico norte/sul. Esta antologia se enquadra como uma contribuição a este olhar comparatista que aponta para circulações culturais transnacionais baseadas mais em afinidades sociais que propriamente em relações de domínio, como é o caso da globalização estandardizada. Esse “comparatismo da solidariedade” permeia nossa antologia, pois na maioria dos poemas que a compõem percebe-se claramente uma natureza de deferência, natureza essa que atribui um tom de solidariedade e confraternização entre poetas que se revelam acima das querelas que tanto marcaram as relações literárias Brasil-Portugal. Querelas compiladas por Nelson H. Vieira em seu livro: *Brasil e Portugal – A imagem recíproca*, em que se vislumbra uma literatura de mútua desconfiança, de onde o autor conclui “A fraternidade luso-brasileira é paradoxalmente baseada numa distância e desconhecimento mútuos.”⁴ Período que parece ultrapassado, pois o que se vislumbra hoje é o que afirma Fábio Lucas na apresentação de seu livro *Fontes Literárias Portuguesas* onde se lê: “Passado o período pós-colonial, de desconfianças recíprocas, sente-se hoje, principalmente entre os escritores, brasileiros e portugueses, uma aproximação cada vez maior, no sentido de uma integração que prestigie a língua portuguesa como veículo de importantes literaturas no quadro internacional.”⁵

Poderá o leitor perceber uma clara interfluência entre os poemas produzidos nos dois países, formando uma tradição poética em língua portuguesa, em que se inserem tanto poetas portugueses como brasileiros não só desse século, mas também os de outros períodos que são por eles resgatados e inscritos na modernidade através dessas operações dialógicas. Esta antologia solicita do leitor uma leitura de orquestração

⁴ Vieira, 1991, p. 23

⁵ Lucas, 1991, p. 12

polifônica pois a simples evocação ao nome de um poeta suscita tudo o que ele e sua obra representam no quadro das relações culturais das duas nações.

Optamos pela manutenção ortográfica constante no livro do qual a cópia foi extraída. Dessa forma poderá o leitor desfrutar essas marcas indicativas da passagem do tempo, ainda que grande parte delas seja apenas notação lexical. Todos os poemas aqui compilados trazem, abaixo de suas transcrições, as seguintes informações:

- Nome do autor com a respectiva data de nascimento e morte, quando for o caso.
- Título do poema, com seu ano de escritura quando revelado.
- Livro no qual o poema foi publicado e seu ano de edição e em alguns casos, os anos entre os quais estes foram escritos.
- Nome do poeta citado com a respectiva data de nascimento e morte, quando for o caso.
- Forma de citação: se no título, dedicatória, uso de epígrafe, corpo do poema ou se em um ou mais lugares.
- Livro do qual a cópia foi extraída, constando título, número da edição, ano de publicação e editora.

Registramos que só por mera questão metodológica que visa a uma fácil localização e contribui na apuração de dados estatísticos é que os poemas encontram-se separados em brasileiros e portugueses, sendo em realidade uma unidade interseccionada apenas por um aspecto geográfico uma vez que todos estão escritos numa mesma língua, a portuguesa, que é o fator comum entre as duas poéticas em questão.

Por fim, e para falarmos como o poeta E. M. de Melo e Castro, a presente antologia se inscreve num “Polissistema poético da língua portuguesa”⁶ cujo arquipélago tem por suporte o mar. Suporte recorrente em vários poemas aqui compilados.

⁶ Castro, 1998, p. 4

POETAS E POEMAS BRASILEIROS

Os poemas encontram-se pela ordem da data de escritura, quando revelada, ou do ano de sua publicação em livro.

Entre os 40 poetas brasileiros que tiveram obras pesquisadas, 23 apresentaram obras com poemas que se enquadraram nos critérios estabelecidos no item 1.2 do Capítulo 1 (Volume 1). Esta primeira parte da antologia consta de 54 poemas, escritos entre os anos de 1916-1992, ficando esse conjunto assim constituído:

- Adélia Prado.....	1 poema
- Affonso Ávila.....	1 poema
- Augusto Frederico Schmidt.....	1 poema
- Carlos Drummond de Andrade.....	3 poemas
- Cassiano Ricardo.....	2 poemas
- Cecília Meireles.....	3 poemas
- Dante Milano.....	1 poema
- Gilberto Mendonça Teles.....	2 poemas
- Guilhermino César.....	2 poemas
- Haroldo de Campos.....	1 poema
- Hilda Hilst.....	1 poema
- Horácio Costa.....	1 poema
- João Cabral de Melo Neto.....	3 poemas
- Jorge de Lima.....	5 poemas
- José Paulo Paes.....	2 poemas
- Lupe Cotrim.....	1 poema
- Manuel Bandeira.....	8 poemas
- Mário Quintana.....	1 poema
- Murilo Mendes.....	8 poemas
- Nelson Ascher.....	2 poemas
- Odylo Costa Filho.....	2 poemas
- Renata Pallottini.....	2 poemas
- Rui Ribeiro Couto.....	1 poema

A ANTÔNIO NOBRE

Tu que penaste tanto e em cujo canto
Há a ingenuidade santa do menino;
Que amaste os choupos, o dobrar do sino,
E cujo pranto faz correr o pranto:

Com que magoado olhar, magoado espanto
Revejo em teu destino o meu destino!
Essa dor de tossir bebendo o ar fino,
A esmorecer e desejando tanto...

Mas tu dormiste em paz como as crianças.
Sorriu a Glória às tuas esperanças
E beijou-te na boca... O lindo som!

Quem me dará o beijo que cobiço?
Foste conde aos vinte anos... Eu, nem isso...
Eu, não terei a Glória... nem fui bom.

Petrópolis, 3-2-1916

Autor : Manuel Bandeira (1886-1968)
Poema: A Antônio Nobre (Datado de 03-02-1916)
Livro : A cinza das horas (1917)
Poeta citado: Antônio Nobre (1867-1900)
Forma de citação: No título.
Cópia extraída do livro: Antologia Poética – Manuel Bandeira p. 9
Ano: 1977 Edição: 9ª
Livraria José Olympio Ed.-Rio de Janeiro

A CAMÕES

Quando nalma pesar de tua raça
A névoa da apagada e vil tristeza,
Busque ela sempre a glória que não passa,
Em teu poema de heroísmo e de beleza.

Gênio purificado na desgraça,
Tu resumiste em ti toda a grandeza:
Poeta e soldado... Em ti brilhou sem jaça
O amor da grande pátria portuguesa.

E enquanto o fero canto ecoar na mente
Da estirpe que em perigos sublimados
Plantou a cruz em cada continente,

Não morrerá, sem poetas nem soldados,
A língua em que cantaste rudemente
As armas e os barões assinalados.

Autor : Manuel Bandeira (1886-1968)

Poema : A Camões

Livro : A cinza das horas (1917)

Poeta citado: Luís Vaz de Camões (1524?-1580)

Forma de citação: No título.

Cópia extraída do livro: Antologia Poética – Manuel Bandeira p. 8

Ano: 1977 Edição: 9^a

Livraria José Olympio Ed. – Rio de Janeiro

CORRESPONDÊNCIA DE FAMÍLIA

A Adolfo Casais Monteiro

Meu irmão português! tua voz vem trazer-me
A meiga recordação das paisagens do Pôrto
- Pôrto dos altos de Agramonte, com seu cemitério, com seus horizontes,
Das ruas do centro, com seus lojistas, com seus pregões,
Da Foz do Douro, com suas barcas, com seus pescadores,
Dos bairros humildes à beira do rio, com suas crianças brincando de
roda,
Pôrto do solar dos meus, o solar dos Estêves Ribeiro,
Na simples Rua da Firmeza.

Na multidão que sobe a Rua 31 de Janeiro ao cair da noitinha
Olhas nostálgicamente as vitrinas iluminadas,
E a Cruz de Cristo nas coisas de prata dos nobres ourives
Leva o teu pensamento a passadas conquistas,
A passadas viagens, a passados afãs.

O Brasil está longe, do outro lado do oceano;
Mas as bôcas que falam, por êle além, sertões e cidades,
Dizem com doce entono, as mesmas sílabas de outrora.
Com que amor pisarás um dia a terra da nova Nação
E terás no rosto moreno dos homens
Imagens irmãs, vagos parentes de antigas pinturas!

Ninguém vê tua cisma perdida na turba que passa,
Ninguém vê tua angústia, ninguém vê teu sonho,
Ninguém sabe que em teus vagares de urbano transeunte
Arde a secreta chama da nossa raça.

Ah, nossa raça não é apenas a da multidão
- Honrados mercantes que vão do trabalho para seus lares -,
Mas é muito maior, dispersa por todos os cantos do mundo,
Raça que abriu oceanos e abriu continentes,
Que soube (que sabe) construir e cantar.

Adolfo, que importa que os homens que passam não saibam da nossa missão?

Há uma força que impõe à nossa garganta a canção inefável
Diante do mar por onde vogam os pescadores,
Diante dos cais, de onde partem tantos navios,
Diante das tôrres, com seus bimbales de casamentos,
Dos cemitérios, com seu silêncio de corpos quietos.

Por cima do Atlântico as nossas vozes se reconhecem,
E se sentes na minha o impulso cordial da terra jovem,
A fôrça do mato selvagem, o clamor dos rios violentos,
O convite do mundo novo à estupenda aventura da vida,
Na tua sei escutar os ritmos heróicos da terra antiga,
A ansiedade incessante de incoercíveis partidas,
O instinto de andar com Deus por todos os mares
E em tôdas as direções, em todos os ventos, erguer
“A Fé, o Império”.

Adolfo!, por cima do Atlântico – o mar da nossa família –
As nossas mãos se encontram para o apêrto leal,
E nas palmas abertas que enfim se tocam mau grado os espaços
Viverá para sempre o amor – o amor da nossa família –
Sob o Cruzeiro do Sul que espelha no céu
A Cruz de Cristo – a cruz da nossa família.

Autor : Ribeiro Couto (1898 – 1963)

Poema : Correspondência de família (Datado de 1932)

Livro : Correspondência de família (1932)

Poeta citado: Adolfo Casais Monteiro (1908-1972)

Forma de citação: Dedicatória e no corpo do poema.

Cópia extraída do livro: Poesias Reunidas pp. 263-264

Ano: 1960 Edição: 1ª

Livraria José Olympio Ed. – Rio de Janeiro

OS TREZE DIAS A CAMINHO DO DESERTO

Para Adolfo Casais Monteiro

A CABELEIRA das nebulosas havia embranquecido,
nenhuma estrela temporária existia mais no catálogo geral das
[constelações,
uma compreensão unânime envolvia a terra, do Oriente ao Ocidente.
Então, no deserto, onde nunca medrara semente,
nasceram flores nunca vistas que as Virtudes
ou as Potestades haviam semeado.
E, como o perfume e o pólen fossem trazidos pelo vento
até aos novos das praias do mar;
no primeiro dia,
as abelhas e os besouros dourados tinham emigrado
para lá;
e no segundo, os beija-flores transportaram seus ninhos a caminho
[do deserto;
e, no terceiro, pastores, magos e jardineiros se juntaram,
e, no quarto e no quinto o cortejo era imenso e mais numeroso
[que as estrelas no céu;
e vinham nele mulheres de cabelo solto e de seios fecundos,
e outras já fecundadas que iam, a fim de seus meninos nascerem
[puros sob o pólen sagrado;
e iam milhares de virgens que tinham sentido de longe
a presença das flores, e queriam dormir junto delas para acordar
[mais lindas;
o hálito da grande massa era tão poderoso que produzia as marés,
[a oscilação
das palmas e o afago das brisas;
e quando chegava sobre as bordas do mar, as ondas se entreabiam
[e o cortejo passava;
no sexto dia, a terra se fendeu e milhões de cabeças decepadas se
[incorporaram ao desfile;
e essas cabeças que tinham sido de grandes alucinados e de
grandes precursores conservaram adiante delas visões nunca
[vistas e muitas coisas que apenas come-
[çavam a nascer;
e depois das cabeças vinha a nação dos videntes, dos tocantes e
[dos ouvintes
vendo, ouvindo e tocando seres que não vemos,

gritos que se interromperam desde as primeiras gerações e
[pensamentos que se envolveram de nuvens;
girândolas distribuíam mensagens e alimento aos homens de boa
[vontade,
grandes águias esvoaçavam sobre a procissão levando Amazonas
[donzelas
ou espalmando as asas para dar sombra aos cansados;
no sétimo dia, o cortejo passou através das grandes cachoeiras e
[meninas de tranças se juntaram aos nossos,
cantando e dançando sob um belo arco-íris;
e no oitavo dia, grandes máquinas redimidas de crimes em que foram
[cúmplices dos homens,
automaticamente rodavam cobertas de flores, obedientes e mudas;
muitos perfumistas envergonhados e orgulhosos ingeriam venenos
[de plantas;
e serpentes verdes dos bosques virgens e das águas nunca desco-
[bertas, enrolavam as cintas das donzelas
[ou lhes ornavam os tornozelos e os pes-
[coços a fim de irem também para o de-
[serto;
e no nono dia, hortelões plantadores de mirra
e cinamomo, e fabricantes de bálsamos sagrados
nos buscaram tão ávidos que não viram o rei que ficou solitário
[em seu trono.

porque todas as mulheres e favoritas
e donzéis e eunucos e moças do harém tinham ido
conosco com seus candeieiros e suas alfaias;
e muitos generais ficaram sem comando porque as tropas
os abandonaram pelo grande cortejo;
ao menor aceno dos condutores de tribos,
codornizes e outros manjares
baixavam sobre a multidão.
E não havia nenhum tempo de armar tendas,
e acampar o varão com sua amada,
pois ao segundo toque da trombeta
as noites se dissipavam e as profecias
eram acessíveis a todos;
no décimo dia, ordenamos que poços se abrissem
junto dos lábios de todos os sedentos,
e que viessem os naufragos aumentar o cortejo;
e no undécimo: “vinde pássaros cantar nas nossas madrugadas,
e ajuntem-se as águas-mães e separem-se de novo
das águas do dilúvio e nos acompanhem também para o deserto!”
e no duodécimo, viu Deus que tudo era bom;

e no décimo terceiro toda a infinita multidão divisou,
ao subir a montanha donde se avista o deserto,
que o poeta ia na frente, conduzindo o seu povo.
E à sombra das grandes flores,
os homens cresceram e se multiplicaram;
e o resto do mundo era vazio e vazio
e era como o antigo deserto.

Autor : Jorge de Lima (1895-1953)

Poema : Os treze dias a caminho do deserto.

Livro : A túnica inconsútil (1938)

Poeta citado: Adolfo Casais Monteiro (1908-1972)

Forma de citação: Dedicatória

Cópia extraída do livro: Obra Completa – Vol. I – Poesia e ensaios
pp. 485-7

Ano: 1959 Edição: 1ª

Ed. José Aguilar Ltda.- Rio de Janeiro

RECEBE AS DÁDIVAS DOS FILHOS PRÓDIGOS

Para Alberto de Serpa

VÊ SE O HOMEM ímpio quer dar um sino para a Catedral,
e a mulher mais devassa quer dar o dízimo do vício
para as lajes do chão;
vê se o grande fornecedor quer dar o vinho para o sacrifício:
quando os que exaltam o Senhor cantarem os louvores de seu
[ministério,
as trombetas dos filhos pródigos ecoarão lá dentro como seu
[saltério.

Autor : Jorge de Lima (1895-1953)

Poema : Recebe as dádivas dos filhos pródigos.

Livro : A túnica inconsútil (1938)

Poeta citado: Alberto de Serpa (1906-)

Forma de citação: Dedicatória

Cópia extraída do livro: Obra Completa – Vol. I – Poesia e ensaios p. 484

Ano: 1959 Edição: 1^a

Ed. José Aguilar Ltda. – Rio de Janeiro

ESTRANGEIRO, ESTRANGEIRO

Para José Osório de Oliveira

E QUANDO OS ASSÍRIOS acabaram de brigar com os caldeus enterra-
[ram os mortos;

e outros povos começaram a brigar pela posse da terra:
mas antes do dia findar, filisteus, hebreus, persas, gregos, árias,
[romanos, africanos, russos, espanhóis,
[chineses, japoneses,

brigaram, brigaram, brigaram.

E houve paz para enterrar os mortos.

E nem o Sinédrio, nem os Conselhos, nem a Liga das Nações,
nada fizeram, nada resolveram, nada adiantaram.

E houve paz para enterrar as ligas.

E rebentaram na carcaça velha do mundo cinquenta revoluções
[simultâneas

para salvar o homem e garantir a paz.

E deram inúmeros prêmios nóbéis a vários chanceleres, e, cantaram
[hinos a várias democracias,

a vários grandes condutores;

e as polícias continuaram a espancar os sonhadores;

e os generais ganharam grandes soldos para defender as pátrias,

e houve bombas em várias partes do globo;

e ainda ontem, num morro do mundo,

a Tísica devorou várias moças,

e os vermes continuam a se alimentar de crianças órfãs;

ricos, pobres, moços e velhos se enforcaram nas árvores.

A massa tem fome, o uivo da humanidade é mais doloroso de
[noite.

A superfície da terra continua do tamanho de uma cova.

Estrangeiro que passais,

sois tão novo e sois tão velho quanto eu sou.

A mesma inquietação e a mesma decepção nos arrasam os olhos.

Estrangeiro que passais, quantas vezes o chão que pisamos já
mudou?

O senhor comissário já nos deu licença

de olhar as nuvens e aspirar a brisa de Deus?

E para olhar o próximo eclipse arranjam bilhetes com o
[chefe?

Estrangeiro amigo, escrevamos para os nossos bisnetos fictícios,
a história eterna do homem decaído e do mundo sem jeito.

Estrangeiro, vós me estendeis vossos braços e somos como velhos
[amigos passeando no cais,

e olhando no mar, - a vela, a asa, a onda e as coisas fugitivas.

Estrangeiro, estrangeiro, as nossas nações, apesar de nossa amizade,
continuam isoladas e inimigas como em Mesopotâmia;
e ainda há entre elas raças irreconciliáveis.
Estrangeiro, estrangeiro, eu sou dos vossos.
E, se quereis ser dos meus, aceitai
que só a Igreja de Cristo – mais forte que a lei de gravidade
continua a enterrar os mortos neste planeta errado.

Autor : Jorge de Lima (1895-1953)

Poema : Estrangeiro, estrangeiro.

Livro : A túnica inconsútil (1938)

Poeta citado: José Osório de Oliveira (1900-1964)

Forma de citação: Dedicatória

Cópia extraída do livro: Poesia Completa – Jorge de Lima Vol. 1 pp.267-268

Ano: 1988 Edição: 2ª

Ed. Nova Fronteira S/A – Rio de Janeiro

A CURA DO HOMEM POSSESSO

Para José Régio

OS CORTEJOS que muitas vezes
acompanharam o poeta e o louvaram foram muitos;
e muitos foram os que o apedrejaram.
Num Domingo de Ramos ele se pôs a andar,
e logo os homens jogavam sob seus pés
os livros que haviam escrito;
e muitos desenrolaram sábias obras que abrangiam os tempos
e muitos espalharam as folhas de vastos
tomos sob suas plantas;
outras tribos vieram para louvá-lo,
e jogavam em seu caminho coisas de seus próprios seres:
mulheres depositaram – cabeleiras inteiras
e longos cílios e perfumadas tranças
e véus que tinham adejado nas faces e mantos que lhes haviam
[apertado as ancas.

Vieram cordeiros sacudir a lã sobre o seu caminho
e muitos seres alados se despojaram de suas penas
sobre o leito da estrada;
jubas inteiras e crinas atapatavam o caminho,
e os derradeiros reis estenderam os mantos para ele pisar;
no declínio da tarde milhares de moças
vieram cantar,
e as vozes atapataram o chão
para o poeta passar;
e jovens cantores entoaram hinos em louvor do poeta
e as notas eram macias para o poeta pisar;
então sob o crepúsculo, homens inquietos
retiraram de si vísceras cheias de instintos para o poeta pisar;
e dos países de sol jovens casais negros
vieram com suas danças que animaram o caminho
para o poeta pisar;
e alucinados despencaram os braços
que deixavam na estrada para o poeta pisar;
grandes guerreiros deceparam as orelhas,
mas o poeta as repunha para que todos ouvissem
o que ia falar.
Afinal nada havia para o poeta pisar que a poeira dos ossos em
[que tudo será;
e o poeta persistia sobre a poeira dos ossos em que tudo será.

Mas já antes da noite apareceu um possesso
que vinha de Cafarnaum com setenta demônios;
e era aleijado e corrompido e coberto de cobras,
e dava saltos tão grandes que iam de um pólo a outro,
e dava urros tão fortes que estremeciam o mar;
e vendo o poeta estacou no caminho;
e a única alma boa que restava nele,
conseguiu exclamar entre as vozes contrárias:
ensinai-me poesia que eu vos quero louvar!
E o poeta:
- Não é preciso que me louves;
o que é preciso é que creias!
E imediatamente o possesso se transformou
no companheiro mais belo para o acompanhar.

Autor : Jorge de Lima (1895-1953)

Poema : A cura do homem possesso.

Livro : A túnica inconsútil (1938)

Poeta citado: José Régio (1901-1969)

Forma de citação: Dedicatória

Cópia extraída do livro: Obra Completa – Vol. I – Poesia e ensaios pp. 487-488

Ano: 1959 Edição: 1ª

Ed. José Aguilar Ltda. – Rio de Janeiro

POEMA ÀS INGÊNUAS MENINAS

Para Carlos Queirós

Ó INGÊNUAS meninas de minha terra,
se quereis ver o enorme edifício em frente ao mar, vinde!
O enorme edifício negro em frente ao mar, em frente à noite,
cem janelas possui como cem telas, como cem faróis;
e cem dramas diversos, as cem janelas possuem.
Cem antenas captam as vozes remotas,
as mais diversas línguas, os corações mais diversos.
O enorme edifício negro em frente ao mar,
agita os seus elevadores dia e noite.
E sua tubulação de água quente e água fria
parece veias de gente, parece veias de gente;
chegam às vezes – vozes no vento
que são vozes de afogados
ou de alguma nau desarvorada,
ou de algum faroleiro morrendo,
ou de alguma gaivota ferida,
ou de algum rito negro no coração das ilhas.
Saem das janelas para os ventos que vão
os dramas desiguais das cem janelas abertas.
Ó ingênuas meninas de minha terra que morais em sobrados,
ó meninas, ouvi:
no enorme edifício negro em frente ao mar,
cem homens infelizes trabalham nas cloacas.
Abaixo da superfície quieta do oceano
vêm peixes cegos e famintos foragidos dos grandes,
comer os detritos do edifício.
Houve a Queda entre vós, peixes?
Senhor, por que me ensinastes a perguntar?

Autor : Jorge de Lima (1895-1953)

Poema : Poema às ingênuas meninas.

Livro : A túnica inconsútil (1938)

Poeta citado: Carlos Queirós (1907-1949)

Forma de citação: Dedicatória

Cópia extraída do livro: Obra Completa – Vol. I – Poesia e ensaios p. 459

Ano: 1959 Edição: 1ª

Ed. José Aguilar Ltda. – Rio de Janeiro

CANTAR DE AMOR

*Quer`eu en maneyra de proençal
Fazer agora hum cantar d`amor...*

D. Denis

Mha senhor, com`oje dia son,
Atan cuitad`e sem cor assi!
E par Deus non sei que farei i,
Ca non dormho á mui gran sazon.
Mha senhor, ai meu lum`e meu ben,
Meu coração non sei o que ten.

Noit`e dia no meu coração
Nulha ren se non a morte vi,
E pois tal coita non mereci,
Moir`eu logo, se Deus mi perdon.
Mha senhor, ai meu lum`e meu ben,
Meu coração non sei o que ten.

Des oimais o viver m`é prison:
Grave di`aquele en que naci!
Mha senhor, ai rezade por mi,
Ca perç`o sen e perç`a razon.
Mha senhor, ai meu lum`e meu ben,
Meu coração non sei o que ten.

Autor : Manuel Bandeira (1886-1968)

Poema : Cantar de amor.

Livro : Lira dos cinqüent`anos (1940)

Poeta citado: D. Denis (1261-1325)

Forma de citação: Epígrafe

Cópia extraída do livro: Antologia Poética – Manuel Bandeira p. 106

Ano: 1977 Edição: 9^a

Livraria José Olympio Ed. – Rio de Janeiro

Para Antônio Nobre, à maneira do mesmo

Contigo fiz, ainda em menininho,
Todo o meu Curso d'Alma... E desde cedo
Aprendi a sofrer devagarinho,
A guardar meu amor como um segredo...

Nas minhas chagas vinhas pôr o dedo
E eu era o Triste, o Doido, o Pobrezinho!
Amava, à noite, as Luas de bruxedo,
Chamava o Pôr de Sol de Meu Padrinho...

Anto querido, esse teu livro "Só"
Encheu de luar a minha infância triste!
E ninguém mais há de ficar tão só:

Sofreste a nossa dor, como Jesus...
E nesta Costa d'África surgiste
Para ajudar-nos a levar a Cruz!...

Autor : Mário Quintana (1906-1994)

Poema : Sem título

Livro : A rua dos cataventos (1940)

Poeta citado: Antônio Nobre (1867-1900)

Forma de citação: Dedicatória e no corpo do poema

Cópia extraída do livro: Poesias – Mário Quintana p. 10

Ano: 1977 Edição: 4ª

Ed. Globo – Porto Alegre

SONETO A CAMÕES

As tuas mágoas de amor, teus sentimentos
Diante das leis que regem nossas vidas,
Desses fados que dão e logo tiram,
E a que estamos escravos e sujeitos.

As tuas dores de amar sem ser amado,
De procurar um bem que não se alcança,
E no canto clamar desesperado
Pelo que nunca vem quando se busca.

Poeta de enamoradas impossíveis,
E que num negro amor desalteraste
Essa sede de amar dura e terrível,

As tuas mágoas de amor, tuas fundas queixas,
Como uma fonte, ficarão chorando
Dentro da língua que tornaste eterna.

Autor : Augusto Frederico Schmidt (1906-1965)

Poema : Soneto a Camões

Livro : Mar desconhecido (1942)

Poeta citado: Luís Vaz de Camões (1524?-1580)

Forma de citação: No título

Cópia extraída do livro: Poesia Completa (1928/65) p. 254

Ano: 1995 Edição: 1^a

Ed. Topbooks/Faculdade da Cidade

CONFISSÃO

A Afonso Duarte

NA QUERMESSE da miséria,
fiz tudo o que não devia:
se os outros se riam, ficava séria;
se ficavam sérios, me ria.

(Talvez o mundo nascesse certo;
mas depois ficou errado.
Nem longe nem perto
se encontra o culpado!)

De tanto querer ser boa,
misturei o céu com a terra,
e por uma coisa à-toa
levei meus anjos à guerra.

Aos mudos de nascimento
fui perguntar minha sorte.
E dei minha vida, momento a momento,
por coisas da morte.

Pus caleidoscópios de estrelas
entre cegos de ambas as vistas.
Geometrias imprevistas,
quem se inclinou para vê-las?

(Talvez o mundo nascesse certo;
mas evadiu-se o culpado.
Deixo meu coração – aberto,
à porta do céu – fechado.)

Autor : Cecília Meireles (1901-1964)

Poema : Confissão

Livro : Vaga Música (1942)

Poeta citado: Afonso Duarte (1884-1958)

Forma de citação: Dedicatória

Cópia extraída do livro: Obra Poética p. 189

Ano: 1987 Edição: s/ind.

Ed. Nova Aguilar S/A – Rio de Janeiro

MEMÓRIA

A José Osório

MINHA FAMÍLIA anda longe,
com trajos de circunstância:
uns converteram-se em flores,
outros em pedra, água, líquen;
alguns, de tanta distância,
nem têm vestígios que indiquem
uma certa orientação.
Minha família anda longe,
- na Terra, na Lua, em Marte –
uns dançando pelos ares,
outros perdidos no chão.

Tão longe, a minha família!
Tão dividida em pedaços!
Um pedaço em cada parte...
Pelas esquinas do tempo,
brincam meus irmãos antigos:
uns anjos, outros palhaços...
Seus vultos de labareda
rompem-se como retratos
feitos em papel de seda.
Vejo lábios, vejo braços,
- por um momento persigo-os;
de repente, os mais exatos
perdem sua exatidão.
Se falo, nada responde.
Depois, tudo vira vento,
e nem o meu pensamento
pode compreender por onde
passaram nem onde estão.

Minha família anda longe.
Mas eu sei reconhecê-la:
um cílio dentro do oceano,
um pulso sobre uma estrela,
uma ruga num caminho
caída como pulseira,
um joelho em cima da espuma,
um movimento sozinho
aparecido na poeira...
Mas tudo vai sem nenhuma
noção de destino humano,
de humana recordação.

Minha família anda longe.
Reflete-se em minha vida,
mas não acontece nada:
por mais que eu esteja lembrada,
ela se faz de esquecida:
não há comunicação!
Uns são nuvens, outros, lesma...
Vejo as asas, sinto os passos
de meus anjos e palhaços,
numa ambígua trajetória
de que sou o espelho e a história.
Murmuro para mim mesma:
“É tudo imaginação!”

Mas sei que tudo é memória...

Autor : Cecília Meireles (1901-1964)

Poema : Memória

Livro : Vaga Música (1942)

Poeta citado: José Osório de Oliveira (1900-1964)

Forma de citação: Dedicatória

Cópia extraída do livro: Flor de Poemas pp. 88-89-90

Ano: 1998 Edição: s/ind.

Ed. Record – Rio de Janeiro – S. Paulo

ETC

*Existe tudo porque existo.
Há porque vemos.
Fernando Pessoa*

Para que o mundo exista, existimos.
Pois seja.

Sem os nossos olhos, sem o que somos,
que adiantaria haver mundo?
Seria a árvore dos dourados pomos, etc.

O que é ignorado não existe.
O que é eterno também não existe.
A eternidade é uma forma de não-existência.

Ao menos para nós o mundo não existiria
se não fôsse existirmos.
Para mim, por exemplo, o mundo existe
porque ora estou alegre, ora sou triste.
Mas no fim vem a morte e... nos leva.
O seu poder é bem maior que o nosso;
porque é o da treva, e o nosso, êsse não passa
de só dar existência ao que claramente já existe,
ao que só existe em razão dos nossos frágeis sentidos.
Que podemos ouvir, olhar, tocar, etc.

Agora mesmo, não faz senão um minuto,
no banco do jardim... que foi? Um homem suici-
[dou-se.

O dedo lhe está prêso, ainda, no gatilho,
rígido como uma hora certa. Sem nenhum
arrependimento.
Muita gente reunida em redor do seu corpo.
Muitos rostos examinando o seu rosto.
Mas êle suicidou-se, apenas? Não é, isso, bem menos
do que êle fêz?

Êle desceu violentamente a cortina da noite
sôbre nossos rostos, que só continuam vivos
para nós.
O seu corpo ali está, presente a todos,
mas nós – que somos todos – já estamos ausentes.
Êle nos suprimiu.

Êle nos destruiu também, simbòlicamente.
Que destruir a si mesmo importou, para êle,
em destruir o mundo físico,
que só existia em razão dos seus frágeis sentidos,
principalmente em razão dos seus olhos, etc.

Como dizer-se apenas: suicidou-se?

Êle desceu violentamente a cortina da noite.
Jogou ao chão a sua própria estátua.
Não aceitou a explicação da vida.
Fêz qualquer coisa de mais belo e mais monstruoso.
Pois nem Deus (e Deus é Deus)
conseguirá, jamais, fazer o que êle fêz: suicidar-se.

Ah, êle conserva ainda
na mão a arma com que apagou o sol e as estrêlas.

Como dizer-se apenas: suicidou-se?
Agora virá a mulher e essa mulher o abraçará louca-
[mente.
A espôsa, e um anjo, a filha, lhe dirão palavras
[estranguladas.
Virá a ambulância. Alguém já chamou a polícia,
e haverá autópsia, etc.

Autor : Cassiano Ricardo (1895-1974)

Poema : ETC.

Livro : Um dia depois do outro (1947)

Poeta citado: Fernando Pessoa (1888-1935)

Forma de citação: Epígrafe

Cópia extraída do livro: Poesias Completas pp. 327-9

Ano: 1957 Edição: 1ª

Livraria José Olympio Ed. S/A – Rio de Janeiro

A JAULA VERDE

O jardim de camélias e gerânios
Abriga invisíveis coros de sabiás.
Três cavalos comem o morro.
O quarto verde Veroneso
Onde passo os dias domado
Quantos tesouros contém:
O retrato do meu amor
E o de Wolfgang Amadeu.

Poucos livros, todo o mundo:
A Bíblia, Platão, Racine,
Pascal, Cervantes, Camões.
Esta jaula de janelas verdes
Dá para a segunda frente,
Para Londres, Florença, Stalingrado,
Dá para as montanhas de Correias,
Para a rua Ibituruna
Onde mora a minha amada.

Autor : Murilo Mendes (1901-1975)

Poema : A jaula verde.

Livro : Poesia Liberdade (1947)

Poeta citado: Luís Vaz de Camões (1524?-1580)

Forma de citação: No corpo do poema.

Cópia extraída do livro: Poesia Completa pp. 412-413

Ano: 1994 Edição: 1^a

Ed. Nova Aguilar S/A – Rio de Janeiro

JAIME CORTESÃO

Honra ao que, bom português,
Baniram do seu torrão:
Ninguém mais que ele cortês,
Ninguém menos cortesão.

Autor : Manuel Bandeira (1886-1968)

Poema : Jaime Cortesão

Livro : Mafuá do Malungo (1948)

Poeta citado: Jaime Cortesão (1884-1960)

Forma de citação: No título

Cópia extraída do livro: Estrela da Vida Inteira p. 306

Ano: 1970 Edição: 2^a

Livraria José Olympio Ed. – Rio de Janeiro

RESPOSTA A ALBERTO DE SERPA

Saber comigo como é Poesia?...
saber comigo como é Bondade?...
Pois quem mais sabe como é Poesia,
pois quem mais sabe como é Bondade
do que tu mesmo, bom e grande Alberto
de Serpa, amigo de peito aberto
para os amigos de longe ou perto,
querido Alberto, fraterno Alberto?

Poeta : Manuel Bandeira (1886-1968)

Poema : Resposta a Alberto de Serpa

Livro : Mafuá do Malungo (1948)

Poeta citado: Alberto de Serpa (1906-)

Forma de citação: No título e no corpo do poema

Cópia extraída do livro: Estrela da Vida Inteira p. 357

Ano: 1970 Edição: 2^a

Livraria José Olympio Ed. – Rio de Janeiro

PORTUGAL, MEU AVOZINHO

Como foi que temperaste,
Portugal, meu avozinho,
Esse gosto misturado
De saudade e de carinho?

Esse gosto misturado
De pele branca e trigueira,
- Gosto de África e de Europa,
Que é o da gente brasileira?

Gosto de samba e de fado,
Portugal, meu avozinho.
Ai Portugal que ensinaste
Ao Brasil o teu carinho!

Tu de um lado, e do outro lado
Nós... No meio o mar profundo...
do....
Mas, por mais fundo que seja,
Somos os dois um só mundo.

Grande mundo de ternura,
Feito de três continentes...
Ai, mundo de Portugal,
Gente mãe de tantas gentes!

Ai, Portugal, de Camões,
Do bom trigo e do bom vinho,
Que nos deste, ai avozinho,
Este gosto misturado,
Que é saudade e que é carinho!

Autor : Manuel Bandeira (1886-1968)

Poema : Portugal, meu avozinho

Livro : Mafuá do Malungo (1948)

Poeta citado: Luís Vaz de Camões (1524?-1580)

Forma de citação: No corpo do poema.

Cópia extraída do livro: Estrela da Vida Inteira p. 363

Ano: 1970 Edição: 2^a

Liv. José Olympio Editora – Rio de Janeiro

IMPROVISO

Glória aos poetas de Portugal.
Glória a D. Dinis. Glória a Gil
Vicente. Glória a Camões. Glória
a Bocage, a Garret, a João
de Deus (mas todos são de Deus,
e há um santo; Antero de Quental).
Glória a Junqueiro. Glória ao sempre
Verde Cesário. Glória a Antônio
Nobre. Glória a Eugênio de Castro.
A Pessoa e seus heterônimos.
A Camilo Pessanha. Glória
a tantos mais, a todos mais.
- Glória a Teixeira de Pascoais.

Autor : Manuel Bandeira (1886-1968)

Poema : Improvise

Livro : Mafuá do Malungo (1948)

Poeta citado: Vários

Forma de citação: No corpo do poema

Cópia extraída do livro: Estrela da Vida Inteira p. 357

Ano: 1970 Edição: 2^a

Liv. José Olympio Editora – Rio de Janeiro

HOMENAGEM A CAMÕES

Através do imitado sentimento,
Ao ler-te, quanta vez tenho sentido
Como é muito maior o amor vivido
Em ato não, mas só em pensamento.
Então invento o que amo e amo o que invento,
Em coisas sem razão tão comovido
Que o ar me falta e o respiro comprimido
Não sei se dá, não sei se tira o alento.
Sabor de amor é esse alto respirar,
Essa angústia em suspiros mal dispersos.
Em amor, que importância tem o ar,
O ar, cheio de fantásticas ações!
Assim, aquêle que imitar teus versos,
Primeiro imite o teu amor, Camões.

Autor : Dante Milano (1899-1991)

Poema : Homenagem a Camões

Livro : Sonetos e Fragmentos

Poeta citado: Luís Vaz de Camões (1524?-1580)

Forma de citação: No título e no corpo do poema.

Cópia extraída do livro: Poesias, Dante Milano, p. 35

Ano: 1948 Edição: 1^a

Liv. José Olympio Editora – Rio de Janeiro

SONETILHO DO FALSO FERNANDO PESSOA

Onde nasci, morri.
Onde morri, existo.
E das peles que visto
muitas há que não vi.

Sem mim como sem ti
posso durar. Desisto
de tudo quanto é misto
e que odiei ou senti.

Nem Fausto nem Mefisto,
à deusa que se ri
deste nosso oaristo,

eis-me a dizer: assisto
além, nenhum, aqui,
mas não sou eu, nem isto.

Autor : Carlos Drummond de Andrade (1902-1987)

Poema : Sonetinho do falso Fernando Pessoa

Livro : Claro Enigma (1948/51)

Poeta citado: Fernando Pessoa (1888-1935)

Forma de citação: No título

Cópia extraída do livro: Reunião p.167

Ano: 1969 Edição: 9ª

Liv. José Olympio Ed. S/A – Rio de Janeiro

A VITORINO NEMÉSIO

BRISA da beira do Minho,
verde barca transparente
que ninguém vê pelos ares
alígera e independente,
cheia de ais e de suspiros
seguindo tão diferente
caminho!

De um lado e do outro do Minho
ponte eólea na torrente,
vão-se amores e pesares,
de saudade permanente...
Verde brisa em verdes giros
formando tão diferente
caminho!

Áureos corações do Minho
com sangue de luz ardente,
por invisíveis lugares
saltam da sua corrente...
Barca de ais e de suspiros:
instantâneo e diferente
caminho.

1953

Autor : Cecília Meireles (1901-1964)
Poema : A Vitorino Nemésio (Datado de 1953)
Livro : Dispersos (1953)
Poeta citado: Vitorino Nemésio (1901-1978)
Forma de citação: No título
Cópia extraída do livro: Obra Poética p. 613
Ano: 1987 Edição: s/ind.
Ed. Nova Aguilar S/A – Rio de Janeiro

MEU PAI FOI REI

Repousei porque abdiquei.
Fernando Pessoa

Todos gritarão
que não foi, que não foi.
E me jogarão pedras,
bem o sei:
que essa é a grande lei.

Mas meu pai foi rei.
Não porque tivesse
uma coroa de ouro
na cabeça insensata,
mas pela grande lei
da lua ser de prata.

Ah, o meu pai foi rei.
(Rei tu és, rei eu sou.)
Quem de nós não foi rei
só porque abdicou?

Ah, o meu pai foi rei.
Muito mais do que o rei
Salomão.
Porque o não foi por ter
rubins e esmeraldas
e um cetro na mão,
mas só porque assinou
sua abdicação.

Não o rei de espadas
numa mesa de jôgo,
mas o rei de não ter,
após ter tido tudo
senão um coração
e um pássaro na mão.

Ah, o meu pai foi rei.
Mas rei só porque pôde
dizer: ó onipotente,
tuas estrêlas são
o teu suor de viagem
mas eu suei estrêlas
carregando pedras
para a minha paisagem.

Rei, mas não do mar,
nem d. Sebastião,
mas de assim exclamar:
ó oceano,
tu não me intimidas
com a tua grandeza.
Maior que tu é a lágrima
que chorei hoje, à hora
da abdicação.

Rei de me haver dito:
olha, meu filho, arranca,
ao teu próprio corpo,
(como a um malmequer
uma pétala branca)
o teu único bem
em favor de alguém
a quem faças feliz,
sem que êsse alguém, sequer,
o saiba, e serás rei.
E dirás: fui rei,
só porque abdiquei.

Ah, o meu pai foi rei!
(Rei tu és, rei eu sou.)
Quem de nós não foi rei
só porque abdicou?
Quem de nós não foi rei
só porque renunciou
(anônimo suicida)
ao que mais quis na vida?

Todos gritarão
que não foi, que não foi.
E me jogarão pedras,
bem o sei;
que essa é a grande lei.
Não importa, não.
Muito maior que um reino
é uma abdicação.

Autor : Cassiano Ricardo (1895-1974)

Poema : Meu pai foi rei

Livro : O arranhacéu de vidro (1956)

Poeta citado: Fernando Pessoa (1888-1935)

Forma de citação: Epígrafe

Cópia extraída do livro: Poesias Completas pp. 620-2

Ano: 1957 Edição: 1^a

Liv. José Olympio Ed. S/A

Rio de Janeiro

ELEGIA DE LONDRES

Ovalle, irmãozinho, diz, *du sein de Dieu où tu reposes*,
Ainda te lembras de Londres e suas luas?
Custa-me imaginar-te aqui
- Londres é *troppo* imensa –
Com teu impossível amor, tuas certezas e tuas ignorâncias.
Tu, Santo da ladeira e pecador da Rua Conde de Laje,
Que de madrugada te perdias na Lapa e sentavas no meio-fio para chorar.
Os mapas enganaram-me.
Sentiste como Mayfair parece descorrelacionada do Tâmissa?
Sentiste que para pedestre de Oxford Street é preciso ser gênio e andarilho
[como Rimbaud?

Ou então português
- Como o poeta Alberto de Lacerda?
Ovalle, irmãozinho, como te sentiste
Nesta Londres imensa e triste?
Tu que procuravas sempre o que há de Jesus em toda coisa,
Como olhaste para estas casas tão humanamente iguais, tão exasperante-
[mente iguais?
Adoceste alguma vez e ficaste atrás da vidraça lendo incessantemente o le-
[treiro do outro lado da rua
- RAWLPLUG HOUSE, RAWLPLUG CO. LTD., RAWLINGS BROS.
Por que bares andaste bebendo melancolia?
Alguma noite pediste perdão por todos nós às mulherezinhas de Picadilly
[Circus?
Foste ao British Museum e viste a virgem lápita raptada pelo centauro?
Comungaste na adoração do Menino Jesus de Piero della Francesca na
[National Gallery?
Tomaste conhecimento da existência de Dame Edith Sitwell e seu *Trio for*
[*two cats and a trombone*?
Ovalle, irmãozinho, tu que és hoje estrela brilhante lá do alto mar,
Manda à minha angústia londrina um raio de tua quente eternidade.

Londres, 3.9.1.957

Autor : Manuel Bandeira (1886-1968)
Poema : Elegia de Londres (Datado de 3.9.1957)
Livro : Estrela da Tarde (1963)
Poeta citado: Alberto de Lacerda (1928-)
Forma de citação: No corpo do poema.
Cópia extraída do livro: Estrela da Vida Inteira p. 241
Ano: 1970 Edição: 2ª
Liv. José Olympio Editora – Rio de Janeiro

CHOVE SOBRE UM LIVRO DE F. PESSOA

Chover não é o que mais me entristece,
mas que chova sem utilidade, isto é,
que chova sem solução para o estar chovendo também em mim,
que chova audivelmente fora de mim
e em mim chova calado.

Queria que em mim a chuva fizesse barulho
ou se pudesse ver, queria que houvesse trovões,
qualquer coisa de pirotécnico,
qualquer coisa de molhado, capas impermeáveis, por exemplo,
gostaria que houvesse uma espécie de guarda-chuvas por dentro,
guarda-chuvas que abrissem ao contrário
e que tivessem só o forro preto
guarda-chuvas com as varetas apontadas para o alto, por exemplo,
guarda-chuvas cujo cabo viesse de cima, por exemplo,
e que só servissem para chuvas interiores,
para tempos nublados interiores,
para umidades interiores.

Seria conveniente também que existissem galochas para o íntimo.

Creio que nem por uma coincidência tais apetrechos são negros,
creio firmemente que a chuva é uma coisa de fúnebre,
uma coisa de estar enterrado.
Creio que estar morto é estar chovendo sempre.
Estar morto é estarem chovendo sempre sobre a gente
e a gente sem poder usar guarda-chuva ou capa impermeável ou galochas,
creio que esse é exatamente o desconforto de estar morto,
creio que estar chovendo sobre a nossa face indefesa
é o símbolo de se estar morto,
até nossas mãos cruzadas sobre o peito
e o não poder arredar a água dos olhos
são o símbolo de se estar morto.

E firmemente sei, também e não obstante, que estar morto
é mais confortável,
(e sem dúvida será mais original)
que o estar chovendo na gente;
tudo, com a imensa vantagem de ser eterno.

Autor : Renata Pallottini (1931-)
Poema : Chove sobre um livro de F. Pessoa.
Livro : A Casa (1958)
Poeta citado: Fernando Pessoa (1888-1935)
Forma de citação: No título
Cópia extraída do livro: Obra Poética pp. 108-109
Ano : 1995 Edição : 1^a
Editora Hucitec

20 Ago 2008

Engenho, arte,
do amor e da vida
se encontraram, reunindo-se
No navegante de idéias
Aberto aos ventos do mundo,
No homem Jaime Cortesão.

Roma, 29-4-58
No 74º aniversário de J.C.

Autor : Murilo Mendes (1901-1975)
Poema : Jaime Cortesão (Datado de 29.04.58)
Livro : Conversa Portátil (1971/74)
Poeta citado: Jaime Cortesão (1884-1960)
Forma de citação: No título e no corpo do poema.
Cópia extraída do livro: Poesia Completa p. 1499
Ano: 1994 Edição: 1ª
Ed. Nova Aguilar S/A – Rio de Janeiro

A Felix de Athayde

Cesário Verde usava a tinta
de forma singular:
não para colorir,
apesar da cor que nele há.

Talvez que nem usasse tinta,
somente água clara,
aquela água de vidro
que se vê percorrer a Arcádia.

Certo, não escrevia com ela,
ou escrevia lavando;
relavava, enxaguava
seu mundo em sábado de banho.

Assim chegou aos tons opostos
das maçãs que contou:
rubras dentro da cesta
de quem no rosto as tem sem cor.

Autor : João Cabral de Melo Neto (1920-1999)

Poema : Sem título

Livro : Serial (1959/61)

Poeta citado: Cesário Verde (1855-1886)

Forma de citação: No corpo do poema.

Cópia extraída do livro: *Obra Completa* – Org. por Marly de Oliveira
com assistência do autor, p. 299

Ano: 1995 Edição: 1^a

Ed. Nova Aguilar S/A – Rio de Janeiro

MURILOGRAMA A ANTERO DE QUENTAL

Disse;
 definiu a dúvida
 descerrou (quase o Ser)

Deixando
 desvontade
 desespero
 desarrumação

Desadorado
 desabotoa o pensamento

Dispara
 no dedo
 o dado

 desencarna-se

Lisboa 1961

Autor : Murilo Mendes (1901-1975)
Poema : Murilograma a Antero de Quental (Datado de 1961)
Livro : Convergência (1963/66)
Poeta citado: Antero de Quental (1842-1891)
Forma de citação: No título.
Cópia extraída do livro: Poesia Completa p. 679
Ano: 1994 Edição: 1ª
Ed. Nova Aguilar S/A – Rio de Janeiro

MURILOGRAMA À FILHA DE MIGUEL TORGA

1

Vislumbrei-te uma única vez / No claro-escuro / Entreaberta
Clara / Telepessoa / Levantada pelas colunas do teu pai.

A noite era. / Estava. / Tinha tu própria. / Da linguagem de Bernardim Ribeiro e Memling.

Mas não querubim nem aurora nem resedá nem futura sibila /
Depositados no porão da linguagem.

Binocularmente soube te delimitar: jovem relâmpaga.

2

Quando cresceres / Acelerado o século / Lerás um manual de fenomenologia a descrever-te / Objeto.

Te acreditarás – corporal sim – um objeto? Portador de outros já superados objetos. Nem sacro nem leito. Mas um ser.

3

Que é um ser? Tal determinado ser / Algo terrível / Macho ou fêmea / Tempoespacial / Sòlidamente espuma / Franja concreta aderindo à substância do sonho / Encantésimo / Condensação de matéria e forma:

Vejo-o sem ver / Nem sou digno de o tocar ou cheirar / Diurno / Noturno / Sempre o idêntico ser /

Algo que se abrefecha / Labirinto cotidiano / Máquina que se levanta e se autodestrói / Cedo ou tarde cambiando-se em alegoria / “Aboli bibelot d`inanity sonore”? / Mas fôrça.

4

Não sei precisamente quem tu és / Muito menos – ahimè – o que sou. / Também o microscópio elude.

Sei que dormes. Futuros esqueletos que já são / Dormem todos os entes. Dormem todos / ainda o físico que no seu laboratório / Detecta a energia do cosmo / Até mesmo o espírito sempre acordado.

Muitos tocam / No diorama do sonho / A cidade fraterna /
Agora construída / Por mãos paralelas /

Esta própria terra / Onde armas sobrevivem no museu: passou
da necessidade à liberdade.

5

Dorme, Clara. / As galáxias comunicam-se com outras / Trans-
mitindo-se via radar / Os últimos realizados / Contos de fadas.

Dorme: a bomba não descerá nem subirá. / Sabe que lhe faltaria
o respiro e a resposta. / Não existe alternativa para a bomba /
Que pretendeu substituir-se ao homem.

6

Um cosmonauta pilotando uma nave gestatória / Domina / Lon-
gemirante / A terra / E te fotografa: tu num barlume / Livre
livre / Tocas a futura cidade construída por mãos paralelas.

7

Amarro à tua porta o Mondego. / Regresso. / Paz?

Coimbra-Roma, 1963

Autor : Murilo Mendes (1901-1975)

Poema : Murilograma à filha de Miguel Torga (Datado de 1963)

Livro : Convergência (1963/66)

Poetas citados: Miguel Torga (1907-1995)

Bernardim Ribeiro (1482-1552)

Forma de citação: No título e no corpo do poema.

Cópia extraída do livro: Poesia Moderna pp. 290-291

Intr. Sel. e Notas de Péricles E. da S. Ramos

Ano: 1967 Edição: s/ind.

Ed. Melhoramentos – S. Paulo

MURILOGRAMA A CESÁRIO VERDE

Cesário Verde----->	agrocitadino
Com dedos de tocar	terrestrefruto
Terrestreflauta	& ácido nervosa
Linguagem sensorial:	esta conhece
A terra precedendo	a própria testa
Curva laranja	satélite portátil
& polpa do texto,	a síntese aguda
Servindo o léxico	próximo do tacto:
A terra que já nutre	o sangue forte
Do vinhocorpo sávido	afluindo nos
Textos de NÓS	atuais microLUSÍADAS

Consideras tal moça:	nasce novamusa,
Traz ferro de engomar	acesa lira,
Pseudo Baudelaire	anoiado percorres
A solferina rua	tão relida
Retrocena dos teus	decassílabos retos.
O estil (o) ete afiado	agride os peitos de Lisboa
Ocidental exaustos.	Noite nas sílabas:
Regressas ao quarto só	do real extraíndo
O ato de operar na mesa	o próprio texto,
Exata matéria tua	extrovivendo.

Lisboa 1964

Autor : Murilo Mendes (1901-1975)
Poema : Murilograma a Cesário Verde (Datado de 1964)
Livro : Convergência (1963/66)
Poeta citado: Cesário Verde (1855-1886)
Forma de citação: No título e no corpo do poema.
Cópia extraída do livro: Poesia Completa p. 681
Ano: 1994 Edição: 1ª
Ed. Nova Aguilar S/A – Rio de Janeiro

MURILOGRAMA A FERNANDO PESSOA

Regressando sempre do não-chegar,
O gume irônico da palavra
Pronto a estimular-te o sólito ócio
de guarda-livros do Nada.
Não dás o braço a. Dás-te o braço.

Guardas o cansaço de quem palmilhou
Quilômetros de palavras camufladas
Em Ode adversativa: a ti adere
Sob o látego dum céu que não consentes
Donde se debruçam Parcas eruditas:
E ainda a contrapelo atinge o cosmo.

Exerces o fãscino
De quem autocobaia se desmembra
A fim de conhecer o homem no duro
Da matéria escorchada.
Ninguém alisa teu corpo e teu cabelo.

Sebastianista duma outrora gesta, dramaturgo
Retalhas o não-acontecido que te oprime
E determina o eterno contingente
Na área do sem-povo, já que o povo
Ao Fatum reduzido, desnavega.

Por sono sustentado e aspirina,
Sofista manténs a música que não tens
Entre dez dedos dividida. Morse transmitindo o não do sim,
Já isento em vida do serviço de viver. Anúmero.

Quanto a mim adverso ao Nada, teu ímã,
Eis-me andando nas ruas do gerúndio.
Ensaio o movimento, vôo portátil.
Devolvo-te grato o que não me deste,
Admiro-te por não dever te admirar,
Na linha da atração reversível dos contrários
Contrapassantes.

Roma 1964

Autor : Murilo Mendes (1901-1975)
Poema : Murilograma a Fernando Pessoa (Datado de 1964)
Livro : Convergência (1963/66)
Poeta citado: Fernando Pessoa (1888-1935)
Forma de citação: No título.
Cópia extraída do livro: Poesia Completa pp. 681-682
Ano: 1994 Edição: 1ª
Ed. Nova Aguilar S/A – Rio de Janeiro

ELOGIO DA USINA
E DE SOFIA DE MELO BREINER ANDRESEN

O engenho bangüê (o rolo compressor,
mais o monjolo, a moela da galinha,
e muitas moelas e moendas de poetas)
vai unicamente numa direção: na ida.
Ele faz quando na ida, ou ao desfazer
em bagaço e caldo; ele faz o informe;
faz-desfaz na direção de moer a cana,
que aí deixa; e que de mel nos moldes
madura só, faz-se: no cristal que sabe,
o do mascavo, cego (de luz e corte).

2

Sofia vai de ida e de volta (e a usina):
ela desfaz-faz e faz-refaz mais acima,
e usando apenas (sem turbinas, vácuos)
algarves de sol e mar por serpentinas.
Sofia faz-refaz, e subindo ao cristal,
em cristais (os dela, de luz marinha).

Autor : João Cabral de Melo Neto (1920-1999)
Poema : Elogio da usina e de Sofia de Melo Breiner Andresen
Livro : A educação pela pedra (1962/65)
Poeta citado: Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-)
Forma de citação: No título e no corpo do poema.
Cópia extraída do livro: Obra Completa – Org. por Marly de Oliveira
com assistência do autor. p. 339.
Ano: 1995 Edição: 1^a
Ed. Nova Aguilar S/A – Rio de Janeiro

CATAR FEIJÃO

A Alexandre O'Neill

Catar feijão se limita com escrever:
jogam-se os grãos na água do alguidar
e as palavras na da folha de papel;
e depois, joga-se fora o que boiar.
Certo, toda palavra boiará no papel,
água congelada, por chumbo seu verbo:
pois para catar esse feijão, soprar nele,
e jogar fora o leve e oco, palha e eco.

2

Ora, nesse catar feijão entra um risco:
o de que entre os grãos pesados entre
um grão qualquer, pedra ou indigesto,
um grão imastigável, de quebrar dente.
Certo não, quando ao catar palavras:
a pedra dá à frase seu grão mais vivo:
obstrui a leitura fluviente, flutual,
açula a atenção, isca-a com o risco.

Autor : João Cabral de Melo Neto (1920-1999)

Poema : Catar feijão

Livro : A educação pela pedra (1962/65)

Poeta citado: Alexandre O'Neill (1924-1986)

Forma de citação: Dedicatória

Cópia extraída do livro: *Obra Completa* – Org. por Marly de Oliveira
com assistência do autor. pp. 346-347

Ano: 1995 Edição: 1ª

Ed. Nova Aguilar S/A – Rio de Janeiro

MURILOGRAMA A CAMÕES

Sim: lavrador da palavra =
Teto e pão da nossa língua =

Desde meninos mamamos
Nos rudes peitos da Lírica =

Livro central semovente
Que parte do particular

Até investir o alto cume
De onde o Todo se contempla.

*

Na tua página o movimento =
Rotação do substantivo

Sustentado pelo verbo.
Provocas a transformação

Da antiga cítara em órgão,
Mudando-se o eco em grito.

Levantam-se os versos = nervos
Ligando a estrutura sólida.

*

Homem de carne e sentidos
Teu elenco de femininos

Se enriqueceu a-vicenda
De Natércia a Dinamene

Diretas participantes
Ou mesmo oblíquas = da outra

Epopéia inda mais dura
Do que a marítima: Eros.

*

Só italiano e platônico?
Não, Português e ecumênico.

A ti = lavrador da palavra
Que herdaste dos pluravós

Juntando-lhe a experiência
Da tua tensa humanidade =

A ti lavrador da palavra =
Teto e pão da nossa língua.

Roma 1965.

Autor : Murilo Mendes (1901-1975)

Poema : Murilograma a Camões (datado de 1965)

Livro : Convergência (1963/66)

Poeta citado: Luís Vaz de Camões (1524?-1580)

Forma de citação: No título

Cópia extraída do livro: Poesia Completa pp. 678-679

Ano: 1994 Edição: 1^a

Ed. Nova Aguilar S/A – Rio de Janeiro

MURILOGRAMA A ANTÔNIO NOBRE

Não sei se haverá lugar
Para o poeta elegíaco,

E se poderão coexistir
FINNEGANS WAKE e o só.

Anulando-te, Antônio Nobre,
Anulo o menino que fui.

Cesário Verde e tu próprio
Assinalam a transição

Da minha infância à descoberta =
Até Baudelaire chegar

Portando instrumento afim:
Soava a modernidade

No seu timbre dissonante.
Tua ternura campestre

Contaminando-me o espírito
Com a sua guitarra dócil

Cede o passo a outro espaço
Forte-esdrúxulo-exigente

Que nos constringe até o osso.
Palavra urbana – inurbana –

Duríssima alienada =
Que nos propondo ruptura

Agride o século XX
Com o seu canivete anti;

Enquanto teu poema humano
Não é objeto: uma pessoa.

Roma 1965

Autor : Murilo Mendes (1901-1975)

Poema : Murilograma a Antônio Nobre (Datado de 1965)

Livro : Convergência (1963/66)

Poetas citados: Antônio Nobre (1867-1900)

Cesário Verde (1855-1886)

Forma de citação: No título e no corpo do poema.

Cópia extraída do livro: Poesia Completa p. 680

Ano: 1994 Edição: 1ª

Ed. Nova Aguilar S/A – Rio de Janeiro

DAS ALTERNATIVAS, SEM FLOREIO,
NA INTENÇÃO DE FERNANDO PESSOA

Estamos todos mortos
no acre, no sal,
no ácido sulfúrico, para sermos mais exatos;
a menos que do exato e do nítido
já não se cuide neste chão que foge,
melhor: que me foge daqui ao Pacífico,
quer dizer: no espaço estendido
como os substantivos simples: dor, amor
visto se nutrir do tempo todo imprevisto,
ou seja, tudo foi visto antes de mim,
por outrem, de mim, que não era razão ainda, ou
antes – só o instinto me ilustrava nisto
de vir o simples a ser o misto.

Águas de Siloé são águas, ou são moças
de branco, debaixo de um galho – sonhemos –
florido? Ou podem ser também, o que não sonho,
curva de água no Mondego,
ou antes, de um Rio da Pomba e Peixe inexistente,
se, existente, o deponho da memória antiga
de 1927?

Estamos, melhor seria dizer: Jazemos
na terra ímpia, à espera do enxôfre,
de um hiato fôscico, não, de um rubro
estouro definidor do homem-abismo.
metido sem perfume nesta cova, neste ar, nesta luz
de doidos, antes: dos cegos.

E mais não digo, não sei, quer dizer, não
saberia dizer a bôca,
berço onde nasce e morre êste gemido.

Autor : Guilhermino César (1908-1993)
Poema : Das alternativas, sem floreio, na intenção de Fernando Pessoa.
Livro : Lira Coimbrã (1965)
Poeta citado: Fernando Pessoa (1888-1935)
Forma de citação: No título.
Cópia extraída do livro: Poesia Moderna, Antologia p. 206
Intr. Seleção e Notas de Péricles E. S. Ramos
Ano: 1967 Edição: s/ind.
Editora Melhoramentos – S. Paulo

DECLARAÇÃO DE AMOR À CIDADE DE LISBOA

À maneira e em memória de Antônio Nobre

Lisboa dos gerânios na sacada,
ter a alma por tuas flôres arrancada,
das suas dores fundas esfregada,
ficar leve e branquinha de lavada,
de sol e não de lágrimas lavada...

Ó Lisboa das flôres pelo chão,
ervas e flôres, rio e coração,
Lisboa de Garret e João de Deus,
em tuas mãos ponho os destinos meus.

Nasço de nôvo em ti. Abre-se em rosa
a rocha malferida e dolorosa.

Ó Lisboa de touro e cal, de tinta suave,
de janela de pedra (vôo de ave),
cidade de colina e ponte, cria
na vã saudade a súbita alegria.

Põe nesta ausência, à força de paisagem
e de canção, as salvações da viagem.

Não podes ressurgir os corpos percidos
mas podes devolver-me os sonhos já perdidos.

Ó Lisboa das naus, que o poeta amou outrora,
dá-me para beber consolações de agora.

Faz-me um vinho perfeito, decantado,
nas noites longamente preparado,
sem gôsto à terra nem às pedras do lagar,
onde o Senhor possa o seu pão molhar.

Lisboa, abril de 1965

Autor : Odylo Costa Filho (1914-)

Poema : Declaração de amor à cidade de Lisboa (Datado de abril/1965)

Livro : Tempo de Lisboa

Poetas citados: Antônio Nobre (1867-1900), Almeida Garret (1799-1854)
e João de Deus (1830-1896)

Forma de citação: Dedicatória e no corpo do poema.

Cópia extraída do livro: Cantiga Incompleta p. 58

Ano: 1971 Edição: s/ind.

Liv. José Olympio Ed. S/A – Rio de Janeiro

Não sou casado, senhora,
Que ainda que dei a mão
Não casei o coração.

Bernardim Ribeiro

Seria menos eu
Dizer-vos, senhor meu,
Que às vezes agonizo
Em vos vendo passar
Altaneiro e preciso?

Ai, não seria.

E na mesma calçada
Por onde andais, senhor,
Anda vossa senhora.
E sua cintura alada
Dá-me tanto pesar
E me faz sofrer tanto

Que não vale o chorar
E só por isso eu canto.

Seria menos eu
Dizer-vos, senhor meu,
Por serdes vós casado
(E bem por isso mesmo)
É que sereis amado?

Ai sim seria.

Autor : Hilda Hilst (1930-)

Poema : Sem título

Livro : Poesia (1959/1967)

Poeta citado: Bernardim Ribeiro (1482-1552)

Forma de citação: Epígrafe.

Cópia extraída do livro: Poesia (1959/1967) pp. 52-53

Ano: s/ ind. Edição: s/ind.

Livraria SAL

SONETO DO CORAÇÃO DESTRUÍDO

a Ruy Belo

Havia um coração a ser construído
pelos cantos do mundo sacudido
havia uma paixão despedaçada
pelo choro do mar atravessada

Havia um sono sempre soluçado
e um copo d'água nunca derramado
e uma rua de sol sempre banhada
e uma noite de lua inacabada

Havia um ser de pregos trespassado
e uma clareira em meio ao mar irado
e um grito por espasmos dividido

E nos espinhos rosa concentrada
e nos passeios rosa desfolhada
e nas esquinas coração destruído.

Autor : Odylo Costa Filho (1914-)

Poema : Soneto do coração destruído.

Livro : Tempo de Lisboa

Poeta citado: Ruy Belo (1933-1978)

Forma de citação: Dedicatória

Cópia extraída do livro: Cantiga incompleta p. 63

Ano: 1971 Edição: s/ind.

Liv. José Olympio Ed. S/A

Rio de Janeiro

o poeta é um fin
o poeta é um his

poe
pessoa
mallarmeios

e aqui
o meu
dactilospondeu:

entre o
fictor
e o
histrío

cu

Autor : Haroldo de Campos(1929-)

Poema : Sem título

Livro : Lacunae (1971/72)

Poeta citado: Fernando Pessoa (1888-1935)

Forma de citação: No corpo do poema.

Cópia extraída do livro: Os melhores poemas de Haroldo de Campos

Seleção de Inês Oseki Dépré, p. 67

Ano: 1992 Edição: s/ind.

Global Ed. e Distr. Ltda. – S. Paulo

FALSO DIÁLOGO ENTRE PESSOA E CAEIRO

- a chuva me deixa triste...
- a mim me deixa molhado

Autor : José Paulo Paes (1926-1998)

Poema : Falso diálogo entre Pessoa e Caetano

Livro : Meia palavra (1973)

Poeta citado: Fernando Pessoa (1888-1935)

Forma de citação: No título.

Cópia extraída do livro: Um por todos – Poesia Reunida p. 79

Ano: 1986 Edição: s/ind.

Editora Brasiliense – S. Paulo

HOMENAGEM

Jack London
René Crevel
Stefan Zweig

Vachel Lindsay
Walter Benjamin
Virgínia Woolf
Sá-Carneiro

Hart Crane
Cesare Pavese
Raul Pompéia

e disse apenas alguns
de tantos que escolheram
o dia a hora o gesto
o meio
a dis-
solução

Autor : Carlos Drummond de Andrade (1902-1987)

Poema : Homenagem

Livro : As impurezas do branco (1973)

Poeta citado: Mário de Sá-Carneiro (1890-1916)

Forma de citação: No corpo do poema.

Cópia extraída do livro: As impurezas do branco. p. 84

Ano: 1978 Edição 4^a

Livraria José Olympio Ed – Rio de Janeiro

**Reza para as quatro almas
de Fernando Pessoa**

Da belíssima “Ode à noite antiga”
resulta que eu entendo, limpo de esforço
e vaidade, se nos fosse possível:
da oração verdadeira nasce a força.
Ninguém se cansa de bondade e avencas.
Os rebanhos guardados guardam o homem.
Todos que estamos vivos morreremos.
Não é para entender que nós pensamos,
é para sermos perdoados.
Pai nosso, criador da noite, do sonho,
do meu poder sobre os bois,
eis-me, eis-me.

Autor : Adélia Prado (1936-)
Poema : Reza para as quatro almas de Fernando Pessoa.
Livro : Bagagem (1976)
Poeta citado: Fernando Pessoa (1888-1935)
Forma de citação: No título.
Cópia extraída do livro: Poesia Reunida p. 52
Ano: 1991 Edição: 1^a
Editora Siciliano – S. Paulo

ABSURDO

Da mágoa, sem remédio, de perder-te:

Camões

Ninguém te disse nada, ninguém soube
do anel que se perdia em tuas mãos
e crescia nas coisas reduzindo-as
à ausência mais completa do existir.

Mesmo quando o limite era essa zona
fugidia de gestos e silêncios
e a noite desdobrava em tua pele
o mapa das cidades compassivas,

ninguém pôde saber do imprevisível,
do lado mais secreto e numeroso
que havia em ti, na vida que buscavas

e que perdias sempre, por mais fundo,
por mais limpo que fosse o privilégio
da mágoa sempre nova de perdê-la.

Autor : Gilberto Mendonça Teles (1931-)

Poema : Absurdo.

Livro : Arte de armar (1977)

Poeta citado: Luis Vaz de Camões (1524?-1580)

Forma de citação: Epígrafe.

Cópia extraída do livro: Arte de armar. p. 55

Ano: 1977 Edição: s/ind.

Imago Editora Ltda. – Rio de Janeiro

Camoniana, 2

Amor feito de tudo, amor, que ama
Amor que é onda, amor, e pede o mar
Amor que faz do turvo, amor, a estrela
Amor que toda a noite, amor, clareia
Amor que não se peja, amor, de amar
Amor que prende a flor, amor, ao fruto
Amor que embora muito, amor, é pouco
Amor que é teu senhor, amor, e escravo
Amor que sem amor, amor, não vive
Amor que te suplica, amor, o amor.

Autor : Guilhermino César (1908-1993)

Poema : Camoniana, 2

Livro : Sistema do imperfeito e outros poemas (1977)

Poeta citado: Luís Vaz de Camões (1524?-1580)

Forma de citação: No título.

Cópia extraída do livro: Sistema do imperfeito e outros poemas. p. 59

Ano: 1977 Edição: s/ ind.

Editora Globo – Porto Alegre

POEMA DO FALSO MÁRIO DE SÁ CARNEIRO

Quanto aos meus sonhos d' arte
...deixei-os em Paris no café Bonaparte.
Que fiz de mim, que fiz?
Só alguns desencantos em Paris
e uns temporais no Porto.
Peguei o barco em dia mau, deixei-o
com notícia de morte (e de que morto!).
Tenho um copo vazio, a vida em meio
e este vinho que não tem mais nenhum gosto.

Meus sonhos d' arte
deixei-os em Paris, no café Bonaparte.
Quanto ao resto, ficou noutro café.
Quem saberá o que é e o que não é?

Autor : Renata Pallottini (1931-)
Poema : Poema do falso Mário de Sá Carneiro
Livro : Noite afora (1978)
Poeta citado: Mário de Sá-Carneiro (1890-1916)
Forma de citação: No título.
Cópia extraída do livro: Obra Poética p. 249
Ano: 1995 Edição: 1^a
Editora Hucitec

SER TÃO CAMÕES

Um rio se levanta da planície
goiana e se detém calamitoso
para lutar comigo e revelar-me
o mistério mais fundo do sertão.

Primeiro, fez sumir dos meus anzóis
os beliscões dos peixes e sereias.
Fez crescer a zoadá dos mosquitos
e a sensação de vento nos cabelos.

E me armou no mais íntimo do ser
a máquina do medo, me ocultando
o amoroso espetáculo dos botos
e a legenda da lua dos remansos.

Depois, foi-me atirando as suas ondas,
foi-me arrastando pela correnteza
e me foi perseguindo nas vazantes,
como o rio de Homero ou como aquele
oculto e grande rio a que os indígenas
chamaram de Araguaia, pronunciando
o dialecto das aves que povoam
os longos descampados.

Talvez sonhe
el-rei com seus dois rios de altas fontes.
Talvez ouça o silêncio das iaras
dormindo nos peraus.

E talvez chore
toda aquela apagada e vil tristeza
de quem penetra a solidão nocturna
do canto da jaó, sem perceber
o discurso do rio que me grita
do barranco:

“Não passarás, Saci,
destes vedados términos. Goiás!
eis o sinal que vibrará canoro
e belicoso, abrindo na tua alma
vastidões e limites.

Terás sempre
o sal da terra e a luminosa sombra
que te guia e divide, e te faz duplo,
real e transparente, mas concreto
nas tuas peripécias.

Nada valem
tua cabaça de mandinga, o aroma
de teu cachimbo e o mágico rubor
de tua carapuça. Nada vale
a tua perna fálica, pulando
nos cerrados.

Há vozes que te agridem
e dedos levantados te apontando
nas porteiras, nas grotas, na garupa
das éguas sem cabeça, como há sempre
uma tocaia, um canivete, um susto,
uma bala perdida que resvala
em tuas costas.

Mas ainda tens
de nutrir tua vida nas imagens
da terra. Ainda queres como nunca
alegres campos, verdes arvoredos,
claras e frescas águas de cristal
que bebes em Camões.

Todo o teu ser
tão cheio de lirismo e de epopéias
tenta escapar-se em vão aos refrigerios
dos fundões de Goiás.”

Assim me disse
e, queixoso, voltou ao leito antigo,
deixando-me perplexo e mudo, como
se, junto de um penedo, outro penedo!

Minha pe(r)na se foi enrijecendo,
foi-se tornando longa feito um veio,
uma pepita de ouro, o stratagema
de uma forma visual que vai possuindo

as entranhas do mapa e divulgando
a beleza ideal destas fantásticas
e vãs façanhas, velhas, mas tão puras,
tão cheias de si mesmas, tão ousadas

como o rio de lendas que se cala-
mitoso na linguagem.

Autor : Gilberto Mendonça Teles (1931-)

Poema : Ser Tão Camões

Livro : Sociologia Goiana (1982)

Poeta citado: Luís Vaz de Camões (1524? – 1580)

Forma de citação: No título e no corpo do poema.

Cópia extraída do livro: Falavra – Antologia Poética, pp. 71-73

Ano: 1989 Edição: s/ind.

Dinalivro – Lisboa

ESTOU FARTO DE HUMANISMO, VIVA AGORA O
PAN-COISISMO

em memória de Jorge de Sena

Não o homem, e seus sucedâneos,
e sim a química e seus heterônimos.
Não a alma e seus sortilégios
mas os prismas com anfractuosidades.
Não a Salvação (ela não existe porque não há a Culpa)
nem o atavismo que nos dá o alfabeto
de classe, infância, bê-á-bá.
Não existe para si próprio o Mundo
e o acaso da vida humana
ocorre entre os paralelos
70° Norte
60° Sul
e, no máximo, até cinco bem contados quilômetros
do nível do mar para cima
(La Paz e Sikkim são exceções).
O acaso da morte é rigorosamente
igual, igualíssimo, cher ami:
tão circularmente mandálico quanto
as argolas de Vishnu, penduradas em seu nariz
adunco, em seus pulsos cor de cobre,
em todo seu corpo desfrutável
terrível
com o qual nenhum barão assinalado esteve
(sentido bíblico) e com quem o Português
mandou São Francisco Xavier
(ha-ha) conversar.
Antes das caravelas existia o vento.
Antes dele, uma galáctica energia burra
que o previu (?) descuidadamente.
Como alguém já disse, “Deus
é um gatilho”- não o corpo
que fica estendido no chão -.
Não quero mais os circunlóquios do entardecer
de um bípede cagão, chorão, glutão. Isto de
Condição Humana me cansa. É uma das coisas
que terminam por resolver-se não – e tudo bem –
(para descansar, adoto o *beato sillón* do Guillén).

Viva o infinitesimal look marciano, a joanina
que me traz boa sorte, e esta sensação
de travelling constante para um mundo
novo (depois da agonia final
do Pretensioso Bípede Crucificado) que,
por sua vez, como idéia, me satisfaz médio.
Não sou camelo para carregar cruz, país
nem novidade em nome alheio. Ele e elas
carregam-se bastante bem, ou não
e, neste caso, só aqueles que os carregavam
é que sentirão o conforto de sua ausência
quando por isto derem. Digâmo-lo
de vez: há-de valorizar-se
o instante de ignição, a poesia
se quiseres. Não para escrevê-la
necessariamente (embora isto sim
se possa fazer) mas pela vida inteira
estendê-la: além das palavras
e dos monumentos, está a fruição
animal e divina, não humana,
do momento. Gozar com ela
- é, abrir as pernas
quimicamente-
Toda a matéria
é radical, esplêndida,
lírica, de tão
plástica.

Santa Bárbara, 1982

Autor : Horácio Costa (1954-)
Poema : Estou farto de humanismo, viva agora o Pan-Coisismo (1982)
Livro : Satori (1989)
Poeta citado: Jorge de Sena (1919-1978)
Forma de citação: Dedicatória.
Cópia extraída do livro: Satori pp. 81-83
Ano: 1989 Edição: s/ind.
Ed. Iluminuras Ltda. – S. Paulo

pessoa resumido

Não me importa se o verso
mente. Importa-me ver so-
mente o meu – Vide verso.

Autor : Nelson Ascher (1958-)
Poema : pessoa resumido
Livro : Ponta da Língua (1978/1983)
Poeta citado: Fernando Pessoa (1888-1935)
Forma de citação: No título.
Cópia extraída do livro: Ponta da Língua p. 36
Ano: 1983 Edição do autor – S. Paulo

mário de sá carneiro

Caído em si, numa ironia
do a-contragosto feito pele,
mas acochado pela mera
constatação de que existia,
quase de todo, fora dele,
quem era, pois, senão quimera
de si, caçando-se nas veias
de sua própria carne alheia?

Autor : Nelson Ascher (1958-)

Poema : mário de sá carneiro

Livro : Ponta da Língua (1978/1983)

Poeta citado: Mário de Sá-Carneiro (1890-1916)

Forma de citação: No título.

Cópia extraída do livro: Ponta da Língua p. 37

Ano: 1983 Edição do autor – S. Paulo

Soneto

Transforma-se o amador na coisa amada
Camões

Se anunciada foi vossa partida
e por clarins de lírios proclamada,
se sangrais nessa ausência minha vida
que o vosso ardor retém aprisionada;

se em vosso ser eu vejo-me represa
- livre corrente em posse perturbada -
se soubestes ao ver-me derrubada
erguer em mim a vossa fortaleza,

como quereis, senhor, que eu me liberte
só porque desejais assim partir
a uma nova paixão que vos espere?

- Quisestes que eu tivesse a vossa crença
e me exigistes tanto ao possuir,
que eu sigo junto a ser vossa presença.

Autor : Lupe Cotrim (1933-1970)

Poema : Soneto

Livro : Encontro – Poemas

Poeta citado: Luís Vaz de Camões (1524?-1580)

Forma de citação: Epígrafe.

Cópia extraída do livro: Encontro – Poemas p. 19

Ano: 1984 Edição: s/ind.

Editora Brasiliense – S. Paulo

MOSTEIRO DOS JERÔNIMOS

os restos mortais de luís de camões não estão
nunca estiveram aqui

foram secretamente sepultados no cemitério dos
prazeres sob o heterônimo de fernando pessoa

Autor : José Paulo Paes (1926-1998)

Poema : Mosteiro dos Jerônimos

Livro : A poesia está morta mas juro que não fui eu (1988)

Poetas citados: Luís Vaz de Camões (1524?-1580)

Fernando Pessoa (1888-1935).

Forma de citação: No corpo do poema.

Cópia extraída do livro: A poesia está morta mas juro que não fui eu. p. 41

Ano: 1988 Edição: s/ind.

Livraria Duas Cidades Ltda. – S. Paulo

rua antero de quental

quem diria doce rudo poeta
que darias dócil rua de putas

Autor : Affonso Ávila (1928-)

Poema : rua antero de quental

Livro : O visto e o imaginado (1990)

Poeta citado: Antero de Quental (1842-1891)

Forma de citação: No título.

Cópia extraída do livro: O visto e o imaginado p. 34

Ano: 1990 Edição: 1^a

Editora Perspectiva/ Edusp

ADEUS, CAMISA DE XANTO

Pobre camisa, chora...

Eugênio de Castro, “A camisa de Xanto”

Adeus, camisa de Xanto!
Adeus, camisa de Vênus!
O sêmen fluiu. Nem pranto
nem riso. Estamos serenos.
Baixou a noite seu manto
sobre a cansada virilha.
(Sexo e noite formam ilha.)
Adeus, camisa de Vênus,
adeus, camisa de Xanto!
Já gozamos. Já morremos.
E o tempo masca, em seu canto,
a garupa da novilha.
Que graça mais andarilha
tinhas na cama. Eram fenos
roçados num acalanto.
Era a fava de baunilha
que se abria num momento
e que se cerrava: trilha
do demônio ao lugar santo.
Era um desmaio na orilha
da praia de gozo e espanto.
Adeus, camisa de Xanto,
renda de calça, presilha.
Adeus, peiticos morenos,
e o que brilhava e não brilha
no mais úmido recanto.
Adeus, camisa de Vênus,
amargo caucho, pastilha,
que de tudo nem ao menos
(seria tão bom, no entanto)
ficou um filho, uma filha.
Adeus, camisa de Xanto!

Autor : Carlos Drummond de Andrade (1902-1987)

Poema : Adeus, Camisa de Xanto

Livro : O amor natural (1992)

Poeta citado: Eugênio de Castro (1869-1944)

Forma de citação: Epígrafe.

Cópia extraída do livro: O amor natural pp. 19-20

Ano: 1996 Edição: 6^a

Editora Record – Rio de Janeiro

POETAS E POEMAS PORTUGUESES

Os poemas encontram-se pela ordem da data de escritura, quando revelada, ou pelo ano de sua publicação em livro.

Dos 39 poetas portugueses que tiveram obras pesquisadas, 14 apresentaram obras com poemas que se enquadraram nos critérios estabelecidos no item 1.2 do Capítulo 1 (Volume 1). Essa segunda parte da antologia consta de 31 poemas escritos entre os anos de 1945-1989, ficando esse conjunto assim distribuído:

- Adolfo Casais Monteiro.....	2 poemas
- Afonso Duarte.....	1 poema
- Alexandre O' Neill.....	3 poemas
- António Ramos Rosa.....	1 poema
- Armando da Silva Carvalho.....	1 poema
- Carlos de Oliveira.....	1 poema
- David Mourão-Ferreira.....	1 poema
- E. M. de Melo e Castro.....	2 poemas
- Jorge de Sena.....	11 poemas
- José Gomes Ferreira.....	1 poema
- Luís Amaro.....	1 poema
- Manuel Alegre.....	1 poema
- Miguel Torga.....	1 poema
- Sophia de M. B. Andresen.....	4 poemas

(E agora, José?)

Carlos Drummond de Andrade.)

Agora, apodrecer.

Nas ruas, no suor das mãos dos amigos, na pele dos espelhos...
desespero sorrido, carne de sonho público, montras enfeitadas
de olhos...

... mas apodrecer.

Bolor a fingir de lua, árvores esquecidas do princípio do mundo...
“como estás, estás bem?”. o telefone não toca!. devorador de
astros...

... mas apodrecer.

Sim, apodrecer
de pé e mecânico,
a rolar pelo mundo
nesta bola de vidro,
já sem olhos para aguçar peitos
e o sol a nascer todos os dias
no emprego burocrático de dar razão aos relógios,
cada vez mais necessários para as certidões da morte exacta.

Sim, apodrecer...

... as mãos, a cólera, o frio, as pálpebras, o cabelo,
a morte, as bandeiras, as lágrimas, a república, o sexo...

... mas apodrecer!

Sujar estrelas.

Autor : José Gomes Ferreira (1900-1985)

Poema : Agora, apodrecer.

Livro : Eléctrico (1943/45)

Poeta citado: Carlos Drummond de Andrade (1902-1987)

Forma de citação: Epígrafe.

Cópia extraída do livro: Poesia Vol. III pp. 42-43

Ano: 1971 Edição: 4^a

Portugália Editora – Lisboa

ESTEPA

A Cecília Meireles

Desterro dos desterrados,
Meu coração é estepa delicada:
 E meu cabelo neva
Sem Pátria, minha amada,
 Minha amada.

Vou como ovelha tresmalhada
 Que viu lobo,
Homem do povo, homem do povo
Que chora em sua Pátria amada.

 Sem nada, sem nada,
Sinto-me velho já do meu cansaço:
Sou como o pobre que trabalha a terra
 Com o seu braço.

Meu coração é estepa delicada
 E a minha alma é louca:
Ah! o heroísmo de cavar a terra
Sem o pão nosso cada dia para a boca!

Autor : Afonso Duarte (1884-1958)
Poema : Estepa
Livro : Ossadas (1947)
Poeta citado: Cecília Meireles (1901-1964)
Forma de citação: Dedicatória.
Cópia extraída do livro: Obras Completas Vol. I p. 124
Ano: 1974 Edição: s/ind.
Plátano Editora – Lisboa

CANÇÃO, DE MADRUGADA

A Cecília Meireles

Escorrem de noite pelos prédios,
dissimuladas na humidade
- dissimulando elas o tédio
das longas noites da cidade -,
deusas solícitas que vão,
com sua etérea assinatura,
propor a luz da redenção
- de rua em rua dar a mão
a quem se arrasta ou se procura.

Pobre de quem vem perguntando
à pedra esquiva das esquinas
a voz e a face dessa amante
de quem não restam senão cinzas!
Pobre do outro a quem o gelo
daquele encontro tão malsão
nem conseguiu arrefecê-lo!
Pobres de tantos, sem o selo
de garantia da ilusão!

Ó vidas presas por um fio,
junto ao abismo dos fracassos,
quem vos evita o fim sombrio
já desenhado em vossos passos?
- Com grandes túnicas violáceas,
as deusas erguem claras brisas:
nas avenidas e nas praças,
tremem as folhas das acácias,
vibram os peitos infelizes.

Até o frígido luar,
que de livor tingia as ruas,
se vai sumindo, devagar,
deixando as almas menos nuas.
Uma promessa de folhagem,
de vento e sol, as veste agora:
e, penetradas pela aragem,
as almas tímidas reagem
à madrugada que as enflora!

Súbito, a um gesto das deidades,
quebra-se o fúnebre luzeiro
das outras luas enforcadas
nos braços curvos dos candeeiros.
Já no crepúsculo se esfuma
a doentia sugestão
- e as deusas tecem, com a bruma,
a nova luz que se avoluma
e é uma promessa ou uma canção.

Do sofrimento a noite cessa
na indecisa madrugada:
que ninguém peça a uma promessa
mais que a promessa que foi dada!
A quem sofreu, basta que a vida
levante um sol de entre as ruínas:
uma promessa doutra vida...
- Quanto aprendi!, nesta comprida
noite que tu, Canção, terminas.

Autor : David Mourão-Ferreira (1927-)
Poema : Canção, de madrugada
Livro : Tempestade de verão (1954)
Poeta citado: Cecília Meireles (1901-1964)
Forma de citação: Dedicatória.
Cópia extraída do livro: Obra Poética – Vol. I p. 104
Ano: 1980 Edição: s/ ind.
Livraria Bertrand – Lisboa.

CONTEMPLAÇÃO

Estrelas...
Não as parnasianas
De Bilac,
Mas as de sempre, rútilo rebanho
Que a emoção tosquia.
A noite humana neste mar deserto
A olhar o céu, coberto
De poesia.

Autor : Miguel Torga (1907-1995)
Poema : Contemplação (Datado de 03.08.54)
Livro : Diário – Vol. VII
Poeta citado: Olavo Bilac (1865-1918)
Forma de citação: No corpo do poema.
Cópia extraída do livro: Diário – Vol. VII – p. 117
Ano: 1956 Edição: 1^a
Edição do autor - Coimbra

“DRUMMOND FAZENDEIRO”...

Drummond, fazendeiro
do ar, mas bem sentes
que as dores da poesia
são as evidentes.

8/2/55

Autor : Jorge de Sena (1919-1978)
Poema : “Drummond fazendeiro”... (Datado de 08.02.55)
Livro : 40 anos de Servidão (1982)
Poeta citado: Carlos Drummond de Andrade (1902-1987)
Forma de citação: No título e no corpo do poema
Cópia extraída do livro: 40 anos de servidão p. 77
Ano: 1982 Edição: 2^a
Moraes Editores/IPL-Lisboa

NOS SETENTA ANOS DO POETA
MANUEL BANDEIRA

A tua voz, ó poeta, não pode envelhecer,
se envelhecer é não sentir as graças da linguagem
ou recordar não quanto se recorda mas
quanto de nós é recordar a vida,
como se humanos fôramos sozinhos
sem outros que viveram, que sofreram, que
escreveram versos quais os teus resumem.

Porque é de nós esse dizer do mundo
em que não há quem não reviva em verso
a vida que perdeu nos versos que ideou.
Toda a poesia a ti concorre, toda,
e tu, singelo e humilde, sábio e juvenil,
a pegas delicado em teu fervor sem mácula,
e a ressuscitas nova, em português, eterna.

Do poço fundo de silêncio e sombras,
da noite ambígua de monstruosas trevas,
do claro dia que hesitante cai,
da beira-mar tão triste que daí contemplas,
a minha voz sozinha te dirijo,
para que a vejas, a recebas, nessa
alegria de estar vivo e ouvir
a música pensada, a música secreta,
no coração que se abre às vozes e aos sentidos,
a tudo o que de humano passa e fica em ti.

E deixa-me dizer-te, meu Amigo e Mestre,
um obrigado simples, sem pensamento ou forma,
um obrigado apenas, porque existes,
e porque não foste embora p`ra Pasárgada,
e a deste contigo francamente a todos nós.

19/4/56

Autor : Jorge de Sena (1919-1978)

Poema : Nos setenta anos do poeta Manuel Bandeira (1956)

Livro : Visão Perpétua (1982)

Poeta citado: Manuel Bandeira (1886-1968)

Forma de citação: No título.

Cópia extraída do livro: Visão Perpétua p. 61

Ano: 1982 Edição: s/ind.

Moraes Edts./Imp. Nac. Casa da Moeda-Lisboa.

MEDITAÇÃO EM KING`S ROAD

*A Dame Edith Sitwell
e a Manuel Bandeira
em lembrança de uma tarde em Londres.*

Solicitas de mim, como de mim ou fora,
oferecem-me os caminhos que desdobram
ante os meus gestos, a que me convidam.
Ou não convidam – antes eu à beira
da rua já não posso recuar,
acesas que já estão por só momentos
as luzes verdes. Atravesso? Mas
como saber se tal devera ou não?
Como saber se a mim me cabe ou cabe
a elas só que eu tenha atravessado?
Como saber qual delas, tão solícita,
me convidou, ou me arrastou, ou me impeliu,
porque outra (qual?) aqui me abandonou?
Como saber de qual e a qual,
antes do gesto ou só depois do gesto,
antes ou só depois dos simples passos,
era primeiro o bem, era primeiro o mal?
Por muitas vezes que, por dias, anos,
hesite à beira, recordando que
julgara ter sabido ou me esquecera já,
o mesmo é sempre. Nada vale chorar,
criar cabelos brancos ou roer as unhas,
tremor do escuro ou receber dos ares
a calma segurança de uma luz dourada.
Oh, coisa alguma vale. À beira do passeio,
solicitas as sinto. E faça quanto faça,
por uma delas há-de ser o resto.

Acesos os sinais – mas por qual delas? –
não tenho tempo já senão de atravessar.

Londres, 1957

Autor : Jorge de Sena (1919-1978)
Poema : Meditação em King`s Road (Datado de 1957)
Livro : Fidelidade (1958)
Poeta citado: Manuel Bandeira (1886-1968)
Forma de citação: Dedicatória.
Cópia extraída do livro: Poesia Vol. II p. 46
Ano: 1978 Edição: 1ª
Moraes Editores - Lisboa

“ELEONORA DI TOLEDO, GRANDUCHESSA DI TOSCANA”,
DE BRONZINO

Ao Murilo Mendes

Pomposa e digna, oficialmente séria,
é geometria ideal de príncipes banqueiros,
sobrinhos, primos, tios de toda a Europa,
de reis, senhores de terras e armadores,
severamente equilibrados entre
o sexo, a devoção e as hipotecas.
O mundo é um imenso caos de intolerância austera,
a que aportam escravos, pimenta, a caridade
à sombra de colunas sem barbárie gótica.
Na boca firme, como no olhar duro,
ou no cabelo ferozmente preso,
ou nas imensas pérolas que se multiplicam,
ou nos bordados do vestido em que nem seios
se alteiam muito, há uma virtude fria,
uma ciência de não-pecar na confissão e na alcova,
uma reserva de distante encanto
em que a Razão de Estado era um passeio altivo
por entre as árvores de um jardim areado,
com áreas racionais e relva em secção áurea.
Sem dúvida que os astros presidiram,
numa ciência de terra já redonda,
às próprias proporções que o quadro regem.
Palácios, festas, complicadas odes,
e procissões e cadafalsos e a
de um céu toscano limpidez que pousa no
pó e nas ruínas da imperial Toledo,
tudo isto se condensa em penetrante
tom de ocre vago, onde as cores se opõem
como teses tridentinas muito práticas
elaboradas com paciência para o descanso eterno
dos príncipes cristãos que se devoram sob
a paternal vigilância de uma Roma etérea,
guardada pelos suíços, por cardeais e frades.
A grã-duquesa – se o foi, não foi, de quem é filha,
de quem foi mãe, ante um retrato assim
tão pouco importa! – fez-se pintar.

Mas a pintura era outra coisa, um escudo,
um escudo de armas e um broquel tauxiado,
para morrer tranqüilo, quando a angústia brota,
como um vômito de sangue, do singelo facto
de ter-se ou não ter alma, os mundos serem múltiplos,
e o Sol rodar ou não em torno à terra inteira,
iluminando as multidões, as raças, tudo,
e os príncipes e os súbditos, nessa harmonia do mundo,
cujo estridor silente ao madrugada se ouvia
ranger discretamente, às portas dos castelos.

Lisboa, 6 Junho 59

Autor : Jorge de Sena (1919-1978)

Poema : “Eleonora Di Toledo, Granduchessa Di Toscana”, de Bronzino
(Datado de 06.06.59)

Livro : Metamorfoses (1963)

Poeta citado: Murilo Mendes (1901-1975)

Forma de citação: Dedicatória.

Cópia extraída do livro: Metamorfoses pp. 63-64

Ano: 1963 Edição: 1^a

Livraria Moraes Editora – Lisboa

FLOR IMPOSSÍVEL DA NOITE

A Manuel Bandeira

Os cafés estão abertos nas casas como olhos que não
podem ter sono
palpitações da vida que recusa ir-se embora que resiste
às pálpebras
cafés bars e os dancings daqui a pouco
últimos redutos das esperanças não cumpridas
e agarrados a eles cachos de gente embarcada para uma
viagem que quereriam sem fim
e tem de acabar afinal tão depressa
porque o sono espera o sono sabe a certeza da sua
vitória
está à espreita seguro da sua hora...

Adiar

demorar

deter

estender o tempo sobre o dorso fácil da noite
e a noite abre-se a todos os sonhos a todos os pedidos
finge que tudo é fácil como uma canção
dá as mãos aos sonhos
dá-se trampolim de todas as ânsias
acolhe afaga e cinge nos braços intermináveis
os corpos pesados de consciência
moribundos numa raiva enorme de anular fronteiras
que os separam
que os separam uns dos outros
que os separam da cavalgada além de todas as nuvens
píncaros e funduras

Não quero perder-me na noite
não quero abandonar-me
quero inteiro a flor nocturna melhor ó Manuel Bandeira
do que a Estrela da Manhã
a flor amarga dolorosa mágica da noite
o sabor entre os dentes dos sabores todos da noite
florescida dentro de mim renascida redescoberta
tal qual a pressinto à minha volta
ó flor impenetrável da noite!

Autor : Adolfo Casais Monteiro (1908-1972)
Poema : Flor impossível da noite
Livro : Noite aberta aos quatro ventos (1943/1959)
Poeta citado: Manuel Bandeira (1886-1968)
Forma de citação: Dedicatória e no corpo do poema.
Cópia extraída do livro: Poesias Completas (1929/69) pp. 223-224
Ano: 1969 Edição: s/ind.
Editora Portugália – Lisboa

AMARGA TAÇA

A Carlos Drummond de Andrade

Nada é resolução e nada é fim.

A vida passa,
e das “verdades definitivas” só fica poeira e cinza,
e, coalhadas na memória estéril de alguém,
certezas apesar de tudo que não querem dizer nada.
Porque a vida continua
e continua a esperança, continua a ilusão
de tudo se continuar e durar sempre.
Dura, na ilusão do nosso segundo de vida.
Dura, na memória irreal das coisas pensadas.
Dura, fora de nós, alheia a nós,
como um rastro de estrela apagada há milênios.
E que nos importa? De que nos vale
essa ilusão em todos e mentira em cada um?
Vale a escravidão? vale as amarguras
das vidas sempre em vão sacrificadas?

Nada vale o sangue e a vida poluídos.
Nada vale a vida roubada de sentido.
Nada vale os sofrimentos sofridos sempre em vão.

Autor : Adolfo Casais Monteiro (1908-1972)

Poema : Amarga Taça.

Livro : Noite aberta aos quatro ventos (1943/59)

Poeta citado: Carlos Drummond de Andrade (1902-1987)

Forma de citação: Dedicatória.

Cópia extraída do livro: Poesias Completas (1929/69) pp. 253-254

Ano: 1969 Edição: s/ ind.

Editora Portugália – Lisboa

SAUDAÇÃO A JOÃO CABRAL DE MELO NETO

João Cabral de Melo Neto,
Você não se pode imitar,
mas incita a ver mais de perto,
com mais atenção e vagar,
o que está como que em aberto,
ainda por vistoriar,
o que vive entre pedra e terra
e o que é entre muro e cal,
o que tem “vocaçãõ de bagaço”
e o que resiste no osso ou no “aço
do osso”, mais essencial.

Tacteamos matéria pobre
com sua mão que nada encobre
e ouvimos assoviar
versos (sem pássaro) de cobre.
De prosaico há-de ser chamado
pelos do “estilo doutor”,
cabeleireiros da palavra,
pirotécnicos do estupor,
que dão tudo por uma ária
de alambicado tenor,
que encaixilham a dourado
morceaux choisis de orador,
mas de prosaico não foi chamado
o nosso Cesário Verde?
O lugar-comum se repete
aqui ou do outro lado...

*

Porém adoptemos prosaico
num sentido que ao bacharel
escapará, é matemático.
Prosaico mas não aquele
que em verso é incapaz de verso
por estar sempre a pôr em verso,
uma sorte de tradutor
para poesia
e às vezes até um guia
do político amador.
Exemplo: Pablo Neruda.
Prosaico, mas sem literatura,
sem o discursivo, sem a mistura
de panfleto, notícia, ladainha.

Prosaico: o não enfático,
o que não mente a si mesmo,
o que não escreve a esmo,
o que não quer ser simpático,
o que é *a palo seco*,
o que não toma por outro
mais fácil trajecto
quando está diante do pouco,
nem que seja um insecto.

Já se deixa ver que prosaico,
assim, mal definido,
não é uma atitude
que se arvore ou um laivo,
uma tinta de virtude:
é um modo de ser,
mesmo antes do verso,
mesmo fora do verso,
mesmo sem dizer.

Será neste sentido,
prosaico Melo Neto,
que no poema “O Rio”
cita Berceo “Quiero
que compogamos io e tú una prosa”?
Será no mesmo sentido
de Pessoa-Alberto Caeiro
(outro prosaico, mas desiludido...):
“... escrevo a prosa dos meus versos
e fico contente”?

*

Quanto a mim, ainda o bonito
me põe nervoso, o meu canito
ainda tem plumas – e lindas! –
e o meu verso deita-se muito,
não sobre a terra, mas em sumaúmas,
já com bastante falta de ar...

Ó Poeta,
não é motivo para não o saudar!

27.08.1959

Autor : Alexandre O'Neill (1924-1986)
Poema : Saudação a João Cabral de Melo Neto (Datado de 27.08.59)
Livro : Abandono Vigiado (1960)
Poeta citado: João Cabral de Melo Neto (1920-1999)
Forma de citação: No título e no corpo do poema.
Cópia extraída do livro: Poesias Completas (1951/83) pp. 163-5
Ano: 1984 Edição: 2^a
Imprensa Nacional/Casa da Moeda – Lisboa

NOS SETENTA E CINCO ANOS DO POETA

Em teu último poema, tu dizias
da morte, que não é milagre algum,
e antes o fim de todos os milagres.
Olháva-la nos olhos, com coragem
de quem muito viveu com as palavras.

De um milagre, porém, porque escrevias,
tu te esqueceste, poeta de Pasárgada,
e que a morte nada contra ele pode.

Porque escrever é morte, mas o escrito,
se o foi por ti, Manuel, não morre mais.

15/5/61

Autor : Jorge de Sena (1919-1978)
Poema : Nos setenta e cinco anos do poeta (Datado de 15/5/61)
Livro : Visão Perpétua (1982)
Poeta citado: Manuel Bandeira (1886-1968)
Forma de citação: No corpo do poema.
Cópia extraída do livro: Visão Perpétua. p. 65
Ano: 1982 Edição: s/ ind.
Moraes Editores
Imp. Nac. Casa da Moeda/Lisboa

NA MORTE DE CECÍLIA MEIRELES

Seu canto permanece
Alinhando nas páginas dos livros
Verso por verso letra por letra
Canto de poeta
Canto
Interior a tudo

Canto de Cecília
A profunda a secreta
Construtora de um dia
Amargo e ledó
Construtora de um espaço clássico
Num arquipélago nebuloso e medido

Cecília – cinza
As palavras no meio do mar permanecem enxutas

Autor : Sophia de Mello B. Andresen (1919-)
Poema : Na morte de Cecília Meireles
Livro : Geografia (1967)
Poeta citado: Cecília Meireles (1901-1964)
Forma de citação: No título e no corpo do poema.
Cópia extraída do livro: Antologia p. 219
Ano: 1975 Edição: 4ª
Moraes Editores – Lisboa

MANUEL BANDEIRA

Este poeta está
Do outro lado do mar
Mas reconheço a sua voz há muitos anos
E digo ao silêncio os seus versos devagar

Relembrando
O antigo jovem tempo tempo quando
Pelos sombrios corredores da casa antiga
Nas solenes penumbras do silêncio
Eu recitava
“As três mulheres do sabonete Araxá”
E minha avó se espantava

Manuel Bandeira era o maior espanto da minha avó
Quando em manhãs intactas e perdidas
No quarto já então pleno de futura
Saudade
Eu lia
A canção do “Trem de ferro”
E o “Poema do beco”

Tempo antigo lembrança demorada
Quando deixei uma tesoura esquecida nos ramos da cerejeira
Quando
Me sentava nos bancos pintados de fresco
E no Junho inquieto e transparente
As três mulheres do sabonete Araxá
Me acompanhavam
Tão visíveis
que um eléctrico amarelo as decepava.

Estes poemas caminharam comigo e com a brisa
Nos passeados campos da minha juventude
Estes poemas poisaram a sua mão sobre o meu ombro
E foram parte do tempo respirado

Autor : Sophia de Mello B. Andresen (1919-)
Poema : Manuel Bandeira
Livro : Geografia (1967)
Poeta citado: Manuel Bandeira (1886-1968)
Forma de citação: No título e no corpo do poema
Cópia extraída do livro: Obra Poética Vol. III p. 78
Ano: 1991 Edição: 2^a
Editora Caminho – Lisboa

TEMPO DE NÃO TEMPO DE SIM

“Chegou um tempo em que a vida é uma ordem”
Carlos Drummond de Andrade

Eis que de novo chega um tempo de batalhas.
Chega um tempo de povo. Tempo de viver
ou morrer. Chega um tempo de romper as malhas
que um tempo-aranha tece para nos prender
nas teias de cadeias malhas de muralhas.

Chega um tempo de massa. Tempo revolucionário.
Tempo de negação. Afirmação. Transformação.
Chega um tempo em que o poeta – mesmo o solitário –
já não está só: é só mais um na multidão.
Tempo de ver em cada coisa o seu contrário.

Chega um tempo febril. Fabril. Tempo de sín-
tese. Tempo de guerra. Tempo de mudança.
Chega um tempo de não. Chega um tempo de sim.
Tempo de desespero. Tempo de esperança.
Chega um tempo de início num tempo de fim.

Chega um tempo de agir no sentido do Tempo
tempo de se ganhar o tempo já perdido
tempo de se vencer o tempo-contratempo
para que o Tempo torne a ter sentido.
Chega um tempo de empunhar as armas do Tempo.

Autor : Manuel Alegre (1937-)
Poema ; Tempo de não tempo de sim.
Livro : O canto e as armas (1967)
Poeta citado: Carlos Drummond de Andrade (1902-1987)
Forma de citação: Epígrafe.
Cópia extraída do livro: O canto e as armas pp. 216-217
Ano: 1989 Edição: s/ind.
Publicações Dom Quixote - Lisboa

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Sabe lavrar
o vento
onde prosperam
o seu milho, o seu gado,
fazendeiro do ar habituado
ao arquétipo escrito
da lavoura,
meu orgulho onomástico
deixado
na outra margem do mar
quando parti
para cuidar das lavras deste lado
e silâbicamente
me perdi.

Autor : Carlos de Oliveira (1921-1981)
Poema : Carlos Drummond de Andrade
Livro : Sobre o lado esquerdo (1968)
Poeta citado: Carlos Drummond de Andrade (1902-1987)
Forma de citação: No título.
Cópia extraída do livro: Trabalho Poético Vol. II (1956/71) p. 10
Ano: s/ind. Edição: s/ind.
Livraria Sá da Costa Editora - Lisboa

MORTE DE MANUEL BANDEIRA

Só hoje, depois de muitas aulas de um curso sobre a poesia dele, folheando poemas seus, tive, subitamente, consciência da sua morte, há mais de um ano, longe, apenas notícia. Não é essa coisa eventual de notar-se, consabido pasmo (e a frustração do que jamais vai repetir-se) que não mais torno a vê-lo e à sua humanidade, à sua gentileza firme de menino egoísta, e à surdez com que em verdade não ouvia ninguém senão a vida e a morte. No fim de contas, há centenares de poetas que nunca conheci, que admiro, e que nem sequer estou certo de valer a pena havê-los conhecido: seriam suportáveis, humanamente suportáveis o Dante ou o Camões? Não: o que de súbito encontro é um vazio⁷ maior. Morreu. Não dirá mais nada, nada sentirá que nos revele. Os poetas morrem como toda a gente. A poesia deles fica, e morrerá mais tarde, como tudo morre. Mas que um que está connosco morra inda que velho, e não seja mais quem escreverá, se ainda escrever: se cale – e a gente saiba pelas notícias como se calou – é a morte, a pavorosa, a estúpida, a grosseira. O fim de todos os milagres, que ele bendisse. O horror de descobrir-se no que fica, quanto morreu quem fez o que ficou.

Nov. 22, 69

Autor : Jorge de Sena (1919-1978)
Poema : Morte de Manuel Bandeira (Datado de 22.11.69)
Livro : Visão Perpétua (1982)
Poeta citado: Manuel Bandeira (1886-1968)
Forma de citação: No título.
Cópia extraída do livro: Visão Perpétua p. 106
Ano: 1982 Edição: s/ind.
Moraes Editores
Imp. Nac. Casa da Moeda – Lisboa

⁷ Na referida edição, cuja cópia foi extraída, o verso de número 15 encontra-se com a palavra “vazio” grafada com “s”, o que nos parece um evidente erro de impressão.

ALÔ, VÔVÔ!

*A Manuel Bandeira,
nos seus 80 anos.*

Esprei vê-lo por aqui um dia, seu dentuças,
travar-lhe do braço e contar-lhe como o Maximiliano
[do México foi parar ao Rossio
(toda a gente julga que é Pedro IV o pedestalizado),
apontar-lhe o frustrâneo cotovelo lusitano
no mármore dos cafés,
comer com Você joaquinzinhos inteirinhos e duma só
[vez,
fazer boca ou boqueirão com o vinho (que era) de
[tostão,
mostrar-lhe como eu e o Cinatti caprichamos nas saladas
(aqui não põem coentro na salada, calcule Você!)
saladas de alface, agrião,
coentro,
rabanete, tomate,
mais coentro,
mas “cebola, não!”...
Ch`bola, non!
... que não sai nem com desodorizante que chamam
[de halazon.
Um pulo à casa onde nasceu o Pessoa, sim?
(Nós não somos pessoas assim à toa, não!)

E em minha casa, à Rua da Saudade, a cavaleiro do rio,
Você podia fumar escondido dos adultos
como na outra Saudade do seu Recife de menino.
Depois: broto, ou brisa
com Anarina, mas sem Adalgisa...

Atenção, Poeta: re-cepção!

Iríamos deixá-lo à porta da recepção,
da sessão de autógrafos,
de antropógrafos,
às mãos dos vestibulantes tão (p) restantes.

À saída lá estaríamos pra levá-lo ao hotel
e, esquecida a poesia, a literatura,
num repente de ternura pegar-lhe na mão:

- Sua Bênção, Vôvô Manuel!

Remessa

Drinka, trinca
connosco, Manuel,
sem autógrafo nem cóquetel,
que nós não podemos ter os teus oitenta,
nem com uísque, nem com água de Juventa,
Manuel!

Autor : Alexandre O'Neill (1924-1986)

Poema : Alô, Vôvô!

Livro : De ombro na ombreira (1969)

Poeta citado: Manuel Bandeira (1886-1968)

Forma de citação: Dedicatória e no corpo do poema.

Cópia extraída do livro: Poesias Completas (1951/83) pp. 291-292

Ano: 1984 Edição: 2ª

Imprensa Nacional – Casa da Moeda – Lisboa

JOÃO CABRAL

I

A língua
é um lata
definição
sem boca.
Caindo do palato
- é mouca.
É um pedúnculo
salivando
pelas saborosas
flores
do corpo.
Por caules
comestíveis.
Por pétalas
de carne quente.
Pelos frios
canais
do osso.

E é um polvo.
Um polvo que procura
nos talheres
as rochas moles
do gosto.
E chora por minúsculas
ventosas
- a contragosto.

II

Os silvos
a gemer
na cornucópia.
As impassíveis
notas
com seu feltro.
O bê-á-bá
tilintado
contra
o coração.

A Passionária
em vez de
Apassionata.
O chapinhar
do(l)ente
de Chopin.
Um mar
de musas
em búzios
ambulantes.

III

E num oásis branco
a sonda do nariz
com seu perfil
de poço.
De poço de petróleo
inteiramente
inverso.
São os vapores
da pedra
- os óleos
diluídos
que vão pelo nariz
dentro.
São os temores
do cheiro
são os odores
do tempo
entrando pelo
poço
que colhe
um óleo
intenso.

IV

Pousada
sobre
as coisas
na mão
dos olhos
brilha
o seu
anel
de cores.

Que coisas
transparentes
na mão
dos olhos
pensam?
Que
chuva
docemente
caindo
contra
as cores
e que
os cegos
inventam?

V

A física
noção
do corpo.

A colisão
dos sonhos
feita
solidão.

Acupuntura
d'alma.

Autor : Armando da Silva Carvalho (1938-)

Poema : João Cabral

Livro : Os ovos d'oiro (1969)

Poeta citado: João Cabral de Melo Neto (1920-1999)

Forma de citação: No título.

Cópia extraída do livro: Antologia da Poesia Port. Contemporânea.

Organizada por Carlos Nejar. p. 309-312

Ano: 1982 Edição: s/ind.

Massao Ohno/ R. Kempf Editores –S. Paulo

POEMA SOBRE O COMEÇO DO POEMA DE J. C. DE MELO NETO
CHAMADO POEMA

A tinta e a lápis	escrevem-se	todos os versos do mundo
A tinta e a lápis	são escritos	todos os versos do mundo
A tinta e a lápis	escrevem-se	quase todos os versos do mundo
A tinta e a lápis	são escritos	quase todos os versos do mundo
À máquina	escrevem-se	alguns dos versos do mundo
À máquina	são escritos	alguns dos versos do mundo
Com sangue (diz-se)	escrevem-se	uns pouquíssimos.
Com sangue (diz-se)	são escritos	uns pouquíssimos.

É consta que já outros foram escritos com outros materiais excretos.

18/Jan/1970

Autor : Jorge de Sena (1919-1978)

Poema : Poema sobre o começo do poema de J. C. de Melo Neto chamado
poema (Datado de 18.01.1970)

Livro : Seqüências (1980)

Poeta citado: João Cabral de Melo Neto (1920-1999)

Forma de citação: No título.

Cópia extraída do livro: Seqüências p. 19

Ano: 1980 Edição: 1^a

Moraes Editores – Lisboa

GLOSA DE DOIS VERSOS DE C. D. DE ANDRADE, E MAIS UM

Preso vou
minha branco
classe rua
algumas cinzenta
roupa agora
 José

18/Jan/1970(?)

Autor : Jorge de Sena (1919-1978)
Poema : Glosa de dois versos de C. D. de Andrade, e mais um.
(Datado de 18.01.1970)
Livro : Seqüências (1980)
Poeta citado: Carlos Drummond de Andrade (1902-1987)
Forma de citação: No título.
Cópia extraída do livro: Seqüências p. 21
Ano: 1980 Edição: 1ª
Moraes Editores – Lisboa

POEMA DESENTRANHADO
DE UM POEMA DE MANUEL BANDEIRA

Um gatinho faz pipi
Um pipi faz gatinho.

18/Jan/1970 (?)

Autor : Jorge de Sena (1919-1978)
Poema : Poema desentranhado de um poema de Manuel Bandeira
(Datado de 18.01.1970)
Livro : Seqüências (1980)
Poeta citado: Manuel Bandeira (1886-1968)
Forma de citação: No título.
Cópia extraída do livro: Seqüências p. 20
Ano: 1980 Edição: 1ª
Moraes Editores – Lisboa

HOMENAGEM AO POETA MÁRIO FAUSTINO

Em bola de fogo este poeta caiu
do céu sobre as agulhas de rochedo e gelo.
Como Ícaro, ainda jovem. Mas ainda mais jovem
havia perguntado: “Mestre, qual é o sexo
das almas?” – e esta pergunta paga-se
com a morte em fogo sobre o gelo eterno.

Julho 70

Autor : Jorge de Sena (1919-1978)
Poema : Homenagem ao poeta Mário Faustino (Datado de julho/1970)
Livro : Seqüências (1980)
Poeta citado: Mário Faustino (1930-1962)
Forma de citação: No título.
Cópia extraída do livro: Seqüências p. 66
Ano: 1980 Edição: 1^a
Moraes Editores – Lisboa

A DRUMMOND QUANDO FIZER SETENTA ANOS

Mistral (Gabriela) Asturias (Miguel Ângelo)
e o Pablo de Neruda Chile – a ti coisa nenhuma.
Os Castros de Ferreira Mais Amados Jorges
partilham prémios do Lácio de Paris – a ti coisa nenhuma.
E todos acabam académicos e tu não vais pedir
os votos académicos – a ti coisa nenhuma.

Escreves em português e o Brasil é um só – as bananas
das repúblicas hispânicas são muitas, à
esquerda e a direita. Não és embaixador,
não foste nunca embaixador senão lá de Itabira.
Andrade isso és mas não és de São Paulo,
cubista ou folclorista. Pelo Rio
passaste sempre esguio entre as mulheres,
os literatos e os arranha-céus, silente e pisco.

O maior, todos concordam. Mas em crónica
como em poesia tens cultura a mais,
poesia a mais, humanidade a mais,
e dignidade a mais – a ti coisa nenhuma.
Carlos (Magno) Drummond (of Hawthornden quiçá
filho bastardo do suspeito Shakespeare)
de (partícula que irrita os bibliotecários norte-americanos)

Andrade – aos setenta anos como sempre
fazendeiro do ar no brejo das almas,
fabricando claros enigmas de alguma poesia,
encomendando às amendoeiras que falem por ti
a rosa do povo, o sentimento do mundo,
e a vida (a tua e a dos outros) passada a limpo.

30/10/72

Autor : Jorge de Sena (1919-1978)
Poema : A Drummond quando fizer setenta anos (Datado de 30.10.72)
Livro : Tempo de exorcismos (1970/72)
Poeta citado : Carlos Drummond de Andrade (1902-1987)
Forma de citação: No título e no corpo do poema.
Cópia extraída do livro: 40 anos de servidão pp. 134-135
Ano: 1982 Edição: 2^a
Moraes Editores / IPL – Lisboa

CARTA DE NATAL
A MURILO MENDES

Querido Murilo: será mesmo possível
Que você este ano não chegue no verão
Que seu telefonema não soe na manhã de Julho
Que não venha partilhar o vinho e o pão

Como eu só o via nessa quadra do ano
Não vejo a sua ausência dia-a-dia
Mas em tempo mais fundo que o quotidiano

Descubro a sua ausência devagar
Sem mesmo a ter ainda compreendido
Seria bom Murilo conversar
Neste dia confuso e dividido

Hoje escrevo porém para a Saudade
- Nome que diz permanência do perdido
Para ligar o eterno ao tempo ido
E em Murilo pensar com clareza –

E o poema vai em vez desse postal
Em que eu nesta quadra respondia
- Escrito mesmo na margem do jornal
Na baixa – entre as compras do Natal

Para ligar o eterno e este dia.

Lisboa, 22 de Dezembro de 1975

Autor : Sophia de Mello B. Andresen (1919-)
Poema : Carta de natal a Murilo Mendes (Datado de 22.12.75)
Livro : O nome das coisas (1977)
Poeta citado: Murilo Mendes (1901-1975)
Forma de citação: No título e no corpo do poema.
Cópia extraída do livro: Obra Poética Vol. III p. 227
Ano: 1991 Edição : 2^a
Editora Caminho – Lisboa

A AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT

Ave ferida, minha alma
Necessita de silêncio
Para voar liberta da aridez dos dias,

E vai morrendo ausente
Da luz do alto onde quisera
Pairar sem nome e sem destino...

Ave ferida e deserta
De esperanças, vai ficando
Saudosa dos longes, da distância.
E suas asas retraem-se, douradas,
De encontro às grades frias, lisas,
Dum cárcere obscuro!

Ave ferida e sedenta
Dos livres horizontes, das palavras
Que crepitam nos astros e fluem
Dos corações amantes, das montanhas.
Minha alma necessita de silêncio
E, reflectindo na noite a sua imagem,
Ir ao fundo das coisas, desprendida.

Autor : Luís Amaro (1923-)
Poema : A Augusto Frederico Schmidt
Livro : Diário Íntimo (1975)
Poeta citado: Augusto Frederico Schmidt (1906-1965)
Forma de citação: No título.
Cópia extraída do livro: Diário Íntimo. p. 86-87
Ano: 1975 Edição: s/ind.
Iniciativas Editoriais - Lisboa

CASTROGRAMA
PARA MURILO MENDES
(morto no Verão de 75)

o verão não sabe nada
só do calor se exala
que sufoca quem foca
no horizonte
a certeza da fala

Murilo
muro ilo
 fio ou filho
de teu nome
muro pequeno
mas contra a poluição.
Mofino (menino) Mendes
das palavras

o verão que te calou
não sabe nada
só do calor escalda
a tua liberdade-poesia

da nossa somos todos
a certeza da fala
que fazemos.

- o verão passará.

Autor : E.M. de Melo e Castro (1932-)
Poema : Castrograma para Murilo Mendes
Livro : As Palavras Só-lidas (1979)
Poeta citado: Murilo Mendes (1901-1975)
Forma de citação: No título e no corpo do poema.
Cópia extraída do livro: Trans(A)parências
(Poesia I – 1950/90) p. 343
Ano: 1990 Edição: 1^a
Ed. Tertúlia – Sintra

“FLOR EM LIVRO DORMIDA”

(J. C. de Melo Neto)

Fechado, espalmado num missal⁸ é que eu me vejo,
como peça de herbário dum comércio amoroso
que há um século se travou entre Dom Brotoejo
e Dona Amélia Joana Cisneiros Monterroso.

Antepassados meus? Qual quê! Antepassados nossos,
que ao santo sacrificio levavam floretas,
trocavam os missais (Deus meu!, hoje são ossos...)
olhos nos olhos (...ossos nos ossos das comuns valetas?).

Mais que a letra, é o espírito que no livro procuro,
mesmo que seja só o levante da carne
duns pobres queridos que transformavam tudo
- missa, missal, flor – em mensagem e secreto alarde!

Consumidores de livros, se quiserdes salvar
vossas almas-lombadas de bárbaros prosaicos,
tereis que, furtivos, procurar, folhear
uns quantos alfarrábios e, neles, encontrar
o herbário-mensagem dos amantes heróicos!

Autor : Alexandre O'Neill (1924-1986)

Poema : “Flor em livro dormida”

Livro : Dezanove Poemas (1984)

Poeta citado: João Cabral de Melo Neto (1920-1999)

Forma de citação: Título em forma de epígrafe.

Cópia extraída do livro: Poesias Completas (1951/83) p. 511

Ano: 1984 Edição: 2ª

Imprensa Nacional – Casa da Moeda – Lisboa

⁸ Na referida edição, cuja cópia foi extraída, o primeiro verso encontra-se com a palavra “missal” grafada com apenas um “s”, o que nos parece um evidente erro de impressão.

O OLHAR DE MURILO MENDES

O olhar de Murilo abre as forças da origem
e num lento silêncio até ao fundo do imóvel
inaugura a nupcial articulação.

Vazio e presença, ruptura e aliança
na atenção aguda às evidências e ao enigma.

Os deuses mostram-se então na imobilidade do ar
e no puro instante da contemplação irisam-se.

E o olhar abre-se imensamente às nascentes nocturnas
captando o eco perdido em cada coisa.

Nessa glória que ilumina tudo, é alta e rapidíssima
a língua da visão que contorna os confins
e deixa transparecer o indivisível círculo
que em si preserva o silêncio divino e o fulgor
de umas quantas palavras que pulsam como estrelas.

1987

Autor : António Ramos Rosa (1924-)
Poema : O olhar de Murilo Mendes (Datado de 1987)
Livro : Poesia Completa de Murilo Mendes
Poeta citado: Murilo Mendes (1901-1975)
Forma de citação: No título e no corpo do poema.
Cópia extraída do livro: Poesia Completa de Murilo Mendes, pp. 64-65
Ano: 1994 Edição: 1^a
Editora Nova Aguilar S/A – Rio de Janeiro

(FRAGMENTO) DUMA CARTA FICTA (SÔBOLOS ABISMOS
SUBLINGUAIS)

A Luís de Camões
Rosalia de Castro
Jorge de Lima
Fernando Pessoa

... a língua portuguesa tu verás em sua desvairada consonância, em seus sons rebarbáricos e novos de oito séculos de variância e em sabedorias subviolências (sôbolos risos, sôbolos rios, sôbolos abismos) do mar, do ar – D'a fonte ô rio, d'o rio à veiga, d'a veiga ô mar – verás uma falância não falácia, uma psicância de resplendores diversos e de versos

nossa matéria é a língua
que no vazio não míngua
nem precisa de tradução

só os olhos inventam
um ins-sexo de excesso
como sabor de ver

donde a língua conhece
quando o líquido referve

o ouvido é um olho na rua
a língua, nossa matéria, cresce

mas,

S`eu no-no digo, naid`o sabrá.

... verás essa verância (vera) que vem da insperiência, o falus da falância, os selos de falência: falas em dâncias e em ânsias do dito e inaudito: inaugurante nau do novo continente: o do conto, o do canto (arrecife inventado de Orfeu)

fala de música só ficta no acto de falar
fala de escrita no acto de escravar
fala de gentualhas e de gentuões
fala de gentuilhas e de gentesões

em sílabas abertas à sordura: vulgais insurdas abertas de tristeza vã, palavras
consonantes e palavras: um sôbolo saber neologista de neologista.
Que serão das falas dum inscrito gasto ou da língua falática do isto?
Que de falâncias feitas se renova

vocálica
cálida
lida
a hora
auvida?

Qué buscás, tolos?... S'eu no-no digo, naid' o sabrá.

Autor : E.M. de Melo e Castro (1932-)
Poema : (Fragmento) Duma Carta Ficta (Sôbolos Abismos Sublinguais)
Livro : O fogo frio do texto (1989)
Poeta citado: Jorge de Lima (1895-1953)
Forma de citação: Dedicatória
Cópia extraída do livro: Trans(A)parências
(Poesia I – 1950/90) pp. 455-456
Ano: 1990 Edição: 1^a
Ed. Tertúlia – Sintra.

*DEDICATÓRIA DA TERCEIRA EDIÇÃO
DO CRISTO CIGANO
A JOÃO CABRAL DE MELO NETO*

I

João Cabral de Melo Neto
Essa história me contou
Venho agora recontá-la
Tentando representar
Não apenas o contado
E sua grande estranheza
Mas tentando ver melhor
A peculiar disciplina
De rente e justa agudeza
Que arte deste poeta
Verdadeira mestra ensina

II

Pois é poeta que traz
À tona o que era latente
Poeta que desoculta
A voz do poema imanente

Nunca erra a direcção
De sua exacta insistência
Não diz senão o que quer
Não se enebria em fluência

Mas sua arte não é só
Olhar certo e oficina
É nele como em Cesário
Algo às vezes se alucina

Pois há nessa tão exacta
Fidelidade à imanência
Secretas luas ferozes
Quebrando sóis de evidência

Autor : Sophia de Mello B. Andresen (1919-)
Poema : Dedicatória da terceira edição do **Cristo Cigano**
Livro : Ilhas (1989)
Poeta citado: João Cabral de Melo Neto (1920-1999)
Forma de citação: Dedicatória e no corpo do poema.
Cópia extraída do livro: Obra Poética Vol. III pp. 337-338
Ano: 1991 Edição: 2^a
Editora Caminho – Lisboa

BIBLIOGRAFIA

- Abdala Jr., B. Necessidade e Solidariedade nos Estudos de Literatura Comparada. In: Revista de Estudos Comparados nº 3, Rio de Janeiro, Abralic, 1996.
- Castro, E. M. de M. e. Poesia dos Países Africanos de Língua Portuguesa: Percursos Comparatistas com as Poesias Portuguesa e Brasileira; Tese de Doutorado, FFLCH – USP, 1998.
- Hatherly, A . O Espaço Crítico: do Simbolismo à Vanguarda. Lisboa, Caminho, 1979.
- Jackobson, R. Lingüística e Poética. in: Lingüística e Comunicação. São Paulo, Cultrix/Edusp, s/ano.
- Lucas, F. Fontes Literárias Portuguesas. Campinas – S. Paulo, Pontes Editores/Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 1991.
- Vieira, N. H. Brasil e Portugal – A Imagem Recíproca. Lisboa, ICALP, 1991.

DEDICATÓRIA

para

elsaminée. m. demeloecastroclaudetereginasanchezbandeiracadóssanchezbandei
ramariaeduardaprivierobandeiramartinhomarcosricardoferrazalbuquerquemarildagabrielg
ustavopaulonishiosmarportugalfilhomaurenmarianaulissesmoiracaurémaíramariahelenane
rygarcêzjoãoalexandre costabarbosabeatrizcnpqmariadosprazeresmariadosocorro gilbertop
inheiro passosjoão carloszanjeosafáfernandesvalériademarcomariaaugustajorgeschwartzter
esairlemarchiampianasánchezbélumnenaamauriprimomarcosoliveiravaldeciribeirobrasma
rielaireblandinepoulenclelasmagnofranciscodaniloneidecleidenájelalíticoângelodaquinha
joãoadolfoholandadeiroedmilsonrogérioivoraibenajamimabdala Júniorchoquesandranitrin
ialceumoreirapinto juniorzémorenoanadanielbrasillamasléciosiqueiratextosuziralbenizglau
comatosoegidiorossitaxedavidpásquatodosteresavanackerluciahiratsukadidáticoverapaulo
florrosaneasilviobénsSCANAVIEIRABÓLICADROGASILDITOPRETOCABEÇAWALDEMIRBRISALÚCIAISABELLAI
kalaikacelsodonizetidigmaluizinhólóivilmamadalenângeladisíacocarmengeraldorodolfoz
écarloshiltongeraldojacidoxoiracemaeloájoãotoninhafinamariajoségeraldoaurimauroin
dalécio carlindafrasehelderrodriqueslisboaprímoeugênio fusobenêdiogojuliánzécariosgrafa
rnelinhonaogramajosédasilvasebastianaedsondenisgramatismozelãomanéguaio branço juli
ogonzalesstropaíbaalbinanelinhodasilvalelepipedovamilamáia gonzalesslogismojaimelivr
ciromentosérgiosenhorsérgio brançosebastião daaninhaaninhanóicola ércio bandeirapeitoed
mundoizamarostoninfatávioricardosasseronsandraleonorclaraisabelduduquedageraldotic
ícerobunachicobetora imundojorgelauzéhenriquemontelíbanogasparlaudinhaleóregina walt
ergobbocapeladosocorro madalenacarmenlevyrafael atopãsilviosilviagarçasandraedsoncap
eladosocorro toninhopraçamarechaldeodoroluiscláudio ruapaimcésarcriskellyinarayasminp
raçadomjoségaspartia goarthurbiaguilhermehotelarpedysuelifátimamiriamvanessaseteprai
asluziasérgioricardolúisraquelluisinhoemilevilamarianaparaísoviniciussasharudiedileneu
berenice carmindaetheremananaticoléhoráciomanéreinaldoluciahelenajoaquimyaioicésarla
ertefábio